LIBRARY OF PRINCETON
NOV 10 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BR7 .U54

Znitas.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/unitas2031inst

JUL 7 1958

UNITAS

Audaciosa Mistificação

Sensibilidade Clínica de Jesus

Oração e Cura

O Como é boa a vida

Musica e Espiritualidade

A Vida Mais Notavel do Mundo

LIBRARY OF PRINCETON
MAR 27 2002
THEOLOGICAL SEMINARY

Preparo Específico

No meio de todos os horrores da última conflagração mundial há alguma coisa que se pode aprender. Uma delas foi a maneira cuidadosíssima pela qual as nações combatentes prepararam seus soldados para a luta. Nos processos de preparação os chefes militares responsáveis pelo preparo das tropas não se esqueciam dos mínimos pormenores. Uma das nações que teve que enviar combatentes para a África, onde teriam êles que lutar num clima aspérrimo, causado por caniculas permanentes em temperatura a que êles não estavam acostumados, foi ao extremo de colocá-los em estufas nas quais êles permaneciam longo tempo sob intenso calor. A preparação dos combatentes em outros sectores foi tambem demorada e miticulosa.

Para grandes empreendimentos sempre é necessário preparo adequado. A Instituição que publica esta revista está promovendo um grande movimento de renovação espiritual. Para levá-lo a cabo com sucesso ela necessita de contar com um grupo de voluntários que se preparem escrupulosamente para as tarefas que terão de desempenhar.

Antes de mais nada é preciso que essas pessoas tenham conhecimentos reais da religião cristã. O Instituto de Cultura Religiosa está produzindo literatura que expõe com clareza as verdades do cristianismo. Seus departamentos de literatura estão encarregados de conseguir que o maior númreo de sócios leia tudo quanto estamos publicando para instrução e edificação de nossos companheiros.

Periòdicamente os referidos departamentos receberão opúsculos publicados em série para os fins que temos em vista.

Estamos mesmo sugerindo a êsses departamentos que nos enviem relatórios mostrando a proporção dos sócios que estão estudando a literatura que publicamos. De agora em diante, vamos intensificar ao maximo o serviço de preparo dos associados para uma vasta obra de renovação espiritual do país.

ASSINATURA PRESENTE

Certamente o leitor tem alguns amigos aos quais gostaria de enviar a revista UNITAS.

Pois nós lhe oferecemos esta oportunidade: cada assinatura-presente lhe custa apenas Cr$ 50.00. Isso significa que **pelo prêço de uma assinatura comum** o leitor poderá oferecer a revista, todos os meses, a **dois amigos.**

O leitor paga 50,00 cruzeiros, e algumas pessoas aqui do ICR pagam os 50,00 restantes.

Aproveite essa oportunidade. Ofereça a alguns amigos o melhor presente dêste ano: uma assinatura da melhor revista de cultura religiosa do Brasil.

Durante o primeiro semestre dêste ano estamos oferecendo essa oportunidade aos nossos leitores.

Preencha a última página desta edição com os endereços e nome das pessoas às quais deseja enviar a revista. E ao remeter-nos a importância correspondente, faça-o por cheque bancário, vale postal ou registrado.

E lembre-se: seus amigos ficarão radiantes e o leitor lhes prestará o melhor auxílio espiritual dêste novo ano.

NÃO DEIXE PARA DEPOIS. SENTE-SE AGORA MESMO E PREENCHA OS ENDEREÇOS DA ÚLTIMA PÁGINA

NESTE NÚMERO:

Pág.

Audaciosa mistificação — Miguel Rizzo Jr. 3

Notas e Comentários — J. Goulart 10

Sensibilidade clínica de Jesus — Lauro Bretones 14

Estudos Bíblicos:

A cura divina — Adauto Araújo Dourado 24

Música e Espiritualidade:

"Va pensiero sull'ali dorate..." — Odilon Nogueira de Matos 29

Diretriz Evangélica:

Ó, como é boa a vida! — Norman Vincent Peale 36

Vida Espiritual:

Excelências da fé — Samuel Figueira 43

Poesias — Mário Barreto França 47

Flagrantes do mundo religioso — W. J. Goldsmith 49

A vida mais notável do mundo 53

★ Verifique se a sua assinatura está vencida ou por vencer pròximamente. Mande-nos logo a importância de Cr$ 100,00 para que lhe possamos continuar a enviar a revista regularmente.

★ Ao enviar qualquer importância, faça-o em nome do Instituto de Cultura Religiosa, e não em nome pessoal de qualquer dos diretores.

★ Envie-nos suas impressões sôbre a revista. Elas são de grande ajuda. Estamos procurando fazer o melhor. Mas gostaríamos de saber como nossos leitores estão vendo a sua revista. Escreva-nos.

★ Pedimos também seu auxílio para o aumento do número de leitores da revista. Procure oferecer a um amigo uma assinatura anual a título de experiência.

AUDACIOSA MISTIFICAÇÃO

Miguel Rizzo

Êle era rapazola e chamava-se Maomé Lobo, nome muito inadequado à função que exercia — guarda de rebanhos.

Certa ocasião, no início da primavera de 1947, uma de suas cabras tresmalhou-se. Êle a perseguiu para prendê-la, tendo chegado a um despenhadeiro que fica nas cercanias do Mar Morto. Reparando, então, em uma cova profunda que nunca tinha visto, atirou dentro dela uma pedra e ouviu logo o ruído de alguma coisa que se quebrara. O rapazinho, assustado, fugiu mas voltou depois com um companheiro para verificar o que havia na caverna.

No interior dela encontraram, intactas, grandes vasilhas de barro. Por ali havia fragmentos de outras já destruidas. Quando tiraram as tampas saiu delas odor repugnante proveniente do conteúdo que elas escondiam. O material que ali se achava estava envolto em tiras de linho recoberto por uma capa negra semelhante ao alcatrão. Ao tirar-lhes essa envoltura, acharam manuscritos traçados em colunas paralelas sôbre finas lâminas unidas por costuras. Estavam descoloridos mas as letras eram bem visíveis.

Êsses jovens pertenciam a um bando de contrabandistas que, transportando rebanhos e mercadorias da Transjordânia à Palestina, evitavam passar pela ponte do Jordão, pois essa estava guardada por aduaneiros bem armados.

Durante todo o período da Grande Guerra, os rolos encontrados naquela caverna tiveram história dramática, explorados pelos contrabandistas que desejavam obter por êles o maior preço possível. Não vamos narrar agora essa movimentada história, porque neste artigo só nos interessa uma parte dela.

Exames cuidadosos mostraram que aquêles rolos continham sete documentos:

1. O livro de Isaías (completo).
2. O livro de Isaías (incompleto).
3. O comentário de Habacuc.
4. O Manual de Disciplina (dois rolos).
5. O Gênesis.
6. A Guerra dos Filhos da Luz com os Filhos das Trevas.
7. Salmos.

Essa descoberta suscitou dois tipos de comentários. Alguns sensatos; são os que procuram descobrir relações entre aquêles documentos e vários aspectos da vida dos israelitas. Outros cretinos: figuram entre êsses os que apareceram, recentemente, no Órgão Oficial da Juventude Comunista. Conclui êsse jornal, ineptamente, que os pergaminhos do Mar Morto (êsse é o título que se tem dado a êsses documentos) constituem provas concludentes do caráter místico de Moisés e de Cristo; e acrescentam ainda que por êles se pode provar que as doutrinas de Jesus já existiam antes dêle que se limitou a copiar o que já existia.

Essas afirmativas espalhadas pelo mundo por um telegrama da "United Press", que grandes órgãos da imprensa publicaram sem comentário algum, terão produzido pelo menos dois efeitos bem acentuados. Nos cristãos provocou grave desapontamento. Acostumados a aceitar a autoridade do Mestre como original e divina, assustaram-se com as conclusões irreverentes elaboradas pela incredulidade, as quais se apresentam pomposamente como "descobertas científicas" que "assestaram um golpe decisivo na religião".

Nos incrédulos, porém, tôdas essas afirmativas suscitam irreprimível júbilo, porquanto imaginam êles que têm agora em mãos mais uma arma contundente para combater o cristianismo.

Às ilações ilógicas que os agnósticos tiram e proclamam, baseados na descoberta dos pergaminhos, é que estamos dando o nome de audaciosa mistificação.

Sejamos bem explícitos no que temos a dizer: as afirmativas contidas no referido despacho telegráfico são inteiramente falsas.

Analisemos cuidadosamente o assunto.

Três historiadores referem-se à seita dos essênios: Plínio(1); Josefo(2) e Filon(3). O que entra em mais pormenores sôbre o assunto é Josefo que foi membro daquela irmandade(4). Se tivessemos de citar tudo o que os três escritores afirmam sairiamos dos limites naturais dêste artigo. Resumamos, pois, o que diz Josefo:

Havia, conforme êle informa, três seitas filosóficas entre os israelitas: fariseus, saduceus e essênios. Os últimos mencionados são mais unidos entre si do que o das outras seitas. Afastavam-se dos prazeres, praticavam a continência e cultivavam sèriamente tôdas as virtudes. Não se casavam, mas adotavam crianças para educá-las segundo as normas da seita. Filon discorda de Josefo nesse detalhe, pois afirma que entre os essênios só havia adultos.

Desprezavam as riquezas. Quem entrasse para a irmandade tinha que entregar tudo o que possuia para ser por ela administrado. Por isso não havia entre êles aparência de pobreza ou de excesso de riqueza. Elegiam um administrador que dirigia tôda a organização material da Ordem.

Não vendiam nada entre si, mas davam aos que precisavam. Usavam sapatos até que êsses ficassem completamente estragados.

Antes que o sol se levantasse, não falavam uma só palavra que não fôsse de caráter religioso. Todos tinham o ofício em que trabalhavam diligentemente desde a manhã até às onze horas. Reuniam-se depois para as suas purificações e vestiam roupas brancas com as quais se assentavam à mesa para a refeição. Permaneciam aí em silêncio. O sacerdote dava graças a Deus e todos iniciavam a refeição. Terminada essa, o mesmo sacerdote outra vez dava graças a Deus. Depois as vestes brancas eram trocadas pelas outras que usavam no trabalho.

---

(1) História Natural V, 6, 7
(2) "Wars of the Jews" II, VIII § 2, 6; "Antiquities of the Jews" XIII, V, 9 e XVIII, I, 5.
(3) "Quod Omnis probus liber" § 12
(4) E Wilson "Los Rollos del Mar Muerto", pág. 32.

Os essênios eliminaram o sacrifício de animais prescritos pela lei mosaica. Consagravam-se ao estudo dos livros antigos e também ao das plantas medicinais que empregavam para cura.

Trata-se, como se vê, de uma organização que levava muito a sério sua disciplina moral. A irmandade chegou a ter cerca de dois mil membros. Ela merece nossos aplausos porque representa um esfôrço para o aperfeiçoamento individual e coletivo. Não lhe neguemos êsse mérito, mas entre isso e aceitar que as doutrinas de Jesus foram plagiadas dos essênios há um abismo. Quem estuda bem o assunto pode traçar logo alguns contrastes chocantes que existem entre as normas de conduta cristã e a filosofia dos essênios.

Demonstremos essa afirmativa.

1. O Manual divide os homens em dois grupos: "filhos da luz" e "filhos das trevas". Os primeiros assim designados são os que fazem parte da irmandade. Seus membros devem cultivar entre si muita amizade, mas odiar os filhos das trevas (5). Os sacerdotes usavam fórmulas especiais para amaldiçoarem os que praticavam más obras(6). Os membros da seita deviam nutrir ódio persistente contra tôdas as pessoas de má reputação e conservar o propósito de nunca se comunicarem com elas. Quem quebrasse tal preceito estaria sujeito a ser perseguido (7).

Depois de tomar conhecimento de ensinos tão ferozes, ouçamos o que diz Jesus a respeito da maneira de tratar os adversários: "Amai, diz o Mestre, a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e perseguem... pois se amardes os que vos amam, que galardão havereis? Não fazem os publicanos também o mesmo?"(8)

Basta êsse contraste para que as inteligências lúcidas se convençam logo de que entre a doutrinação dos essênios e a de Cristo há uma distância incomensurável.

---

(5) "Manual de Doutrina" I, 1-15
(6) Ob. cit. II, 18
(7) Ob. cit. V, 7-20
(8) Mat. V:44-46

2. Os membros da irmandade do Mar Morto não se casavam. Jesus admitiu que algumas pessoas também não se casassem(9). Êle mesmo não contraiu matrimônio.

Traçando um paralelo entre os dois fatos, alguns pensadores concluem atabalhoadamente que a doutrina de Jesus é cópia da que os essênios pregavam.

Trata-se apenas de aparência. O motivo pelo qual Jesus aplaude o celibato difere fundamentalmente daquele pelo qual os essênios não se casavam. O Mestre aludiu aos que ficavam solteiros "por causa do reino dos céus". Muito diferentes são as razões pelas quais os essênios não se casavam. Quem as resumiu foi o escritor Josefo: "Na verdade, diz êle, não condenam o matrimônio por princípio, e, como conseqüência, a propagação da espécie; mas para se protegerem a si mesmos das mulheres, pois estão persuadidos de que nenhuma delas mantém sua promessa matrimonial a um só homem". Filon acrescenta a essa outras razões, quando diz: "De fato, nenhum essênio casa-se, porque a mulher é uma criatura egoísta, excessivamente ciumenta, pronta a defraudar os princípios morais do marido e a seduzí-lo com suas contínuas imposturas, por sua maneira aduladora de falar e pelos meios de que lança mão; desempenhando seu papel como atriz no palco, engana primeiro a vista e depois o ouvido..."(10). O resto da descrição é muito pior do que tudo quanto o despeitado Shopenhauer escreveu contra o belo sexo.

Ora, concluir que Jesus, tendo aprovado o celibato, reproduziu o ensino dos essênios — e deixar de lado os motivos pelos quais êsses não se casavam — é cometer um deslize que esmaga a probidade de quem o pratica.

3. Os essênios eram ascetas. Viviam separados da sociedade. Nem siquer desejavam contacto com aquêles que não pertencessem à sua grei. Compreende-se que, quando a piedade decai num povo — como aconteceu naquela época — os fiéis tendam mesmo a se refugiarem em agremiações que cultivem a vida espiritual. Até certo ponto é, pois, explicável o ascetismo dos essênios. No entanto, a atitude

---

(9) Mat. XIX:12.
(10) "Los rollos del Mar Muerto", pág 33

dêles é contrária ao que Cristo ensinou. Orando em favor dos discípulos, o Mestre assim se expressou: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal"(11). Jesus nunca ensinou que seus discípulos devessem fugir dos homens, mas sim procurá-los, esforçando-se para convertê-los. Realmente, os discípulos do Mestre não eram anacoretas mas evangelistas itinerantes: em vez de permanecerem em reclusão voluntária, movimentavam-se sistemàticamente para levar aos homens a divina mensagem da salvação. Aí está mais um ponto em que a doutrinação de Cristo se distancia por completo das normas de vida dos essênios.

4. Segundo as doutrinações da seita a que nos estamos referindo, o homem salva-se por si mesmo. Depois de seguir disciplinas apropriadas, pode-se apresentar como tendo feito a expiação dos seus próprios pecados, o que é, diziam, muito agradável a Deus. Um dos escritores que com mais segurança tem tratado do assunto é muito explícito nesse particular(12).

Que diria o apóstolo Paulo dêsse método de expiação? Provàvelmente escreveria uma epístola no estilo da que escreveu aos Gálatas na qual apareceria esta frase: "Ó insensatos essênios! quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade..."(13)

5. Não se sabe como foi que os essênios desapareceram do cenário da História. Ela não esclarece tal ponto. Provàvelmente, num período em que a Palestina foi invadida por conquistadores implacáveis, os membros da seita cruelmente perseguidos, pereceram. Não há mais notícias dêles desde àquela época até hoje, num período de quase dois mil anos.

Contraste-se êsse fenômeno com o que aconteceu no cristianismo. Submetido a perseguições que abrangem um período de mais de duzentos e trinta anos — desde Nero, ano 67, até Deocleciano, ano 303 — o cristianismo não se extinguiu. Quem estuda cuidadosamente os fatos ocorridos nessa época se convence de que só uma fôrça divina po-

---

(11) João XVII:15.
(12) Duncan Howlett — "The Essenes and Christianity", pág. 91
(13) Epístola aos Gálatas, III:1.

deria ter livrado o cristianismo da extinção total. É incomensurável a diferença entre a assombrosa vitalidade cristã e a fragilidade da seita dos essênios.

Poderíamos ainda traçar vários contrastes pelos quais se prova a superioridade do cristianismo sôbre tudo que, em matéria de doutrinação e prática, apareceu antes dêle. Vamos, porém, parar aqui, para que êste artigo não saia dos limites que deve ter.

É preciso, porém, dizer alguma coisa mais. A tentativa de transformar Cristo em discípulo dos essênios não é nova mas muito velha. Várias vêzes tem ela aparecido na literatura, para logo desvanecer-se.

Albert Schweitzer,(14) há muitos anos, combateu as tentativas que, no século XVIII, o racionalismo fêz com o intuito de provar que Cristo aprendera com os essênios.

Em 1790, um livro que saiu na Alemanha fêz a mesma tentativa(15).

Em 1800 Karl Venturini refere-se aos essênios como mestres de Jesus(16). Em 1831 August Gfrorer afirmou que as organizações cristãs eram um desenvolvimento da ordem dos essênios.

James Moffatt teve que tratar do assunto e reduz a nada a hipótese de ter Jesus aprendido com os essênios(17).

Ela surge agora, não como hipótese, mas como afirmativa arrogante de quem deseja menosprezar o cristianismo. Não nos assustemos. Desta vez, também, ela terá o mesmo destino que teve em outras épocas: produzirá certa efervescência, para depois desaparecer, ridicularizada.

E o cristianismo — como vem acontecendo há cerca de dois mil anos — continuará sua marcha triunfante na ciclópica evolução dos séculos.

---

(14) "The Quest of the Historical Jesus"
(15) Karl Bahrdt — "An Explanation of the Plans and Aims of Jesus".
(16) "Non-Super-Natural History of the Great Prophet of Nazareth".
(17) Encyclopédia de Religião e Ética.

NOTAS E COMENTÁRIOS

* * *

J. Goulart

O JÔGO

Não é preciso fazer literatura, nem citar Rui Barbosa; todos sabem que o jôgo é um dos vícios mais perniciosos, e responsável pelas tragédias mais dolorosas que podem afligir a sociedade e a família.

O jôgo, como todos os males, tem os seus defensores. Uns francos, outros velados. Alguns querem regulamentá-lo, a fim de tirar dêle proveito em favor de instituições de caridade, mas o que êles querem, de fato, é que o jôgo seja legalizado, para que os jogadores se sintam mais à vontade. Outros tentam criar uma hierarquia impossível, com o propósito de justificar a sua conduta e acalmar a consciência conturbada. Haveria jogos lícitos e ilícitos. A roleta é jôgo, mas a corrida de cavalos, acompanhada de tôda a exploração, inclusive a sonegação dos impostos sôbre lucros extraordinários, é elegância, é processo, é moda da alta sociedade. O jôgo do bicho é jôgo, mas a "ação entre amigos" é aconselhável, uma vez que a extração é quase sempre em favor de uma causa nobre.

O mal ou essência do jôgo está em que só uns poucos lucram, enquanto milhares perdem. E não perdem só o dinheiro; perdem tudo e também o respeito dos seus pares. Jôgo é a loteria e tôda maneira de iludir os incautos, acenando-lhes com grandes lucros e retribuindo-os com a miséria e o desprêzo.

Em S. Paulo é proibida a loteria, graças a uma lei proposta por um deputado crente. Alguns deputados, porém, tentam, a cada passo, revogar semelhante estatuto, alegando que a loteria federal corre livremente em prejuízo do erário estadual. Dizem os últimos jornais que o govêrno do Estado tem encontrado muita dificuldade em coibir o jôgo de rifas, porque, a cada passo, usando o presidente da República de uma estranha prerrogativa, concede permissão para "ações entre amigos" promovidas principalmente por associações religiosas, embora o episcopado haja desaconselhado tal prática.

Deviam as instituições religiosas e beneficentes, assim como as de caráter científico e cultural, evitar, de tôda maneira, semelhante costume. O mau exemplo constitui um instigador de hábitos condenáveis. De um sorteio em favor de um hospital, da séde de um grêmio ou da edificação de uma igreja, passará o jovem bem intencionado a lançar a sorte no pano verde, para, ama-

nhã, surgir como um perdido, uma infeliz vítima incontrolável do vício e do pecado. Devemos ser integralmente corretos. "Sêde perfeitos" é o alvo do Mestre.

FÉ E RAZÃO

No livro de Wade H. Boggs, "Faith Healing and the Christian Faith" (A cura pela fé e a religião cristã), encontramos o seguinte trecho, que nos parece útil e esclarecedor:

"O que, portanto, necessitamos hoje é uma volta ao sadio equilíbrio escriturístico entre a fé e a razão. Antes de julgar êstes valôres como antitéticos, devemos considerá-los como suplementares. A razão não é aquilo que se põe em oposição extrema à fé. Não é possível dar um primeiro passo, sem ter fé em que a razão é competente para tratar do problema em foco. Existe em tôda religião e em tôda filosofia um "princípio-fé" — um axioma, uma hipótese, uma pretensa revelação ou uma espécie qualquer de elemento pre-racional. Sem êste princípio, a razão não poderia operar. A fé, portanto, é um auxiliar indispensável da razão, ao invés de sua inimiga.

A fé não se coloca no extremo oposto da razão. Fé, para ser fé, não precisa ser fé cega. Não é credulidade. E' uma atitude em que se busca arriscar um cometimento qualquer, tomando a direção para a qual a evidência aponta. Esta evidência, entretanto, devido às limitações inerentes à finitude humana, nunca pode ser tal que imponha uma crença imediata.

Concordamos com os "curadores de fé" que devemos ter fé. Estamos convencidos também, de que, desde que a revelação cristã é aceita pela fé, tornar-se-á, cada vez mais aparente, que ela (a revelação) nos habilitará a produzir e a oferecer ao mundo uma filosofia mais compreensiva, mais coerente, e, portanto, superior a qualquer outra que possa ser elaborada por um "princípio-fé" rival. Devemos ter fé em que o universo poderá ser melhor explicado como o produto de uma personalidade supremamente poderosa, inteligente e boa, a qual se revelou como um Deus Pai, mediante os profetas e, acima de tudo, por seu filho Jesus Cristo, e que o registo desta revelação está contido na Bíblia.

A razão foi definida por João Baillie como " a capacidade de reconhecer a verdade, quando ela nos é apresentada". A razão, pois, é necessária, para nos ajudar a distinguir entre as religiões, as filosofias e os problemas que nos rodeiam, a verdadeira revelação do sentido das coisas e, assim, sermos levados a abraçá-la antes do que a qualquer substituto espúrio. E mesmo depois que a revelação cristã é reconhecida e aceita, a razão ainda continua sendo um instrumento essencial, para nos ajudar a interpretar corretamente o corpo

de literatura bíblica que pretende ser o registo dos atos reveladores de Deus na história. As diferentes verdades da Bíblia precisam ser sistematizadas, tornadas comunicáveis e relacionadas com os problemas da vida, para nosso guia prático. Entre êstes problemas práticos da vida, se encontra o problema da doença. A razão deve, portanto, ser usada para correlacionar as respostas de nossa fé cristã com as questões humanas na área da doença e da saúde."

E é isto, precisamente, o que o livro citado procura fazer, valendo-se abundantemente do ensino bíblico e tratando do assunto com serenidade e imparcialidade.

UM DIA DE CADA VEZ

O evangelista Charles Templeton, num folheto intitulado "Passos da vida cristã", diz o seguinte: "No comêço de cada dia, devemos dedicar o dia a Deus e pedir-lhe auxílio, a fim de que o vovamos como Êle desejaria que o vivessemos. Se fizermos isto, Êle andará conosco cada dia e nos dará a graça de fazer o que é requerido de nós. Não nos preocupemos acêrca do amanhã, ou da próxima semana, ou do próximo ano; vivamos apenas hoje para Deus. Êle não nos dará fôrça hoje para os problemas de amanhã, mas, quando o amanhã chegar, Êle o fará. Vivamos um dia de cada vez. Isto, com o auxílio de Deus, poderemos fazer."

De fato Cristo nos adverte sôbre a ansiedade pelo dia de amanhã. "Basta a cada dia o seu mal." A vida é uma sucessão de problemas e de trabalhos, de modo que é uma bênção sabermos que a graça de Deus é suficiente para os apertos, lutas, enfermidades e tentações de cada momento. Isto, porém, não quer dizer que devamos ser imprevidentes e descuidados, vivendo uma vida contemplativa, sem planos, sem projetos, sem aspirações. Deus nos dá a capacidade também de prever e de calcular, sempre submetidos à sua divina vontade.

Jesus veiu para realizar uma obra e a realizou dentro de um horário estabelecido e de um plano preordenado. A nossa capacidade é limitada, mas, constantemente estamos planejando e realizando sob a proteção divina.

O que é errado é a preocupação desmedida, a ansiedade, a falta de confiança na provisão divina. E' também êrro e pecado viver o homem ao léo da sorte, imprevidente e sem propósitos definidos e ideais alevantados.

Já dizia o sábio dos provérbios: "O avisado vê o mal e esconde-se, mas os simples passam e sofrem a pena". A prudência é virtude; a imprevidência é fatal. Previdência sim; ansiedade não. A fé realiza o futuro; a descrença torna o homem inútil.

DEFESA DA JUVENTUDE

Uma campanha que merece e reclama o apoio de tôdas as fôrças que são responsáveis pelo futuro de nossa raça é a que encetou o dr. Aldo de Assis Lima, juiz de menores da capital paulista. Determinou êle a apreensão de cêrca de cem revistas estrangeiras e nacionais, as quais vinham explorando escancaradamente, sob o pretexto de arte ou de ciência, nada mais do que uma verdadeira pornografia e incitando à imoralidade. Não só as revistas carregadas de exibições indecorosas, mas livros e panfletos acoroçoadores de maus costumes e insinuadores da maldade.

Dizem que esta medida do ilustre e corajoso juiz reclama o apoio e a colaboração de todos, porque sabemos que essas campanhas, muitas vêzes espetaculares, morrem logo pela falta de continuidade e sob o pêso da indiferença de muitos, da oposição declarada de outros e da resistência passiva dos mais interessados, não tanto na corrupção da juventude, quanto nos lucros do degradante comércio.

Os chefes de família deveriam ser os mais interessados na ação meritória da autoridade, porque as conseqüências imediatas do abuso referido vão cair justamente sôbre os lares, para, depois, refletir dolorosamente na sociedade e na pátria. Um povo sem uma estrutura moral rígida e bem orientada sofrerá inevitàvelmente agravos irreparáveis. Não é necessário citar os mil exemplos históricos da degradação moral dos povos, com explicação dos fracassos políticos e do desaparecimento da raça. Entretanto são os mesmos pais, não raro, que, por fraqueza ou por ignorância, como que incentivam os maus costumes dos filhos, permitindo ou acoroçoando modas reprováveis. Os jornais dêstes dias têm aprovado francamente a ação do juiz, ao mesmo tempo que citam os costumes modernos responsáveis pela nossa degenerescência moral, tais como o uso do fumo pelas moças, as vestimentas masculinas para as mulheres, os decotes abusivos e outras tolerâncias reconhecidamente prejudiciais e incitadoras do mal.

Temos sempre alertado a família brasileira sôbre êstes perigos e, agora, mais uma vez, a concitamos a que não sòmente aplauda a iniciativa oportuna do dr. Aldo e de outros juízes, como com êles colaborem por todos os meios.

——cOc——

ENQUANTO EU MEDITAVA...

Salmo 33

"Porque do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias" (MAT. 15:19)

Um falso diagnóstico conduz a uma terapêutica falsa.

Quais são os males que atacam a sociedade moderna? Quais são as enfermidades que estão vitimando os homens atualmente?

De uma análise correta e precisa da enfermidade e do próprio enfêrmo depende a cura deste.

Há uma tendência bem acentuada para considerar-se todos as perturbações da personalidade como decorrentes de distúrbios fisiológicos. É o fisicalismo como chave única para a solução dos problemas da personalidade humana. Sempre fomos vítimas dessas chaves únicas. É um unilateralismo imensamente prejudicial. Êle dá-nos uma visão defeituosa da personalidade, e não soluciona, com suas drogas, todos os nossos problemas como pretende.

Tomemos um exemplo típico dessa orientação unilateral.

O alcoolismo tornou-se grave problema nos Estados Unidos. Como em todo o mundo. Nos Estados Unidos, porém, as estatísticas rigorosas se encarregam de traçar um quadro completo do problema. As autoridades estão muito preocupadas com uma campanha preventiva. Enquanto intensificam os processos de cura, desenvol ve-se intensa campanha preventiva. Para que tal campanha seja eficiente, é necessário que se descubra a causa real do vício. Segundo alguns biólogos, chamados a colaborar, as vítimas do alcoolismo sofrem de algum distúrbio fisiológico: falta de certas vitaminas básicas, insuficiência da tiroide, ou de outras glândulas endócrinas, algum desajuste no metabolismo basal, ou causa semelhante. Aí está a tendência que nos parece sumamente perigosa. Não há dúvida de que certos casos de alcoólatras inveterados se explicam, perfeitamente, por causas fisiológicas. Mas êsse diagnóstico não pode ser generalizado.

Para os psicólogos, o alcoolismo tem como causa alguma perturbação psicológica, como, por exemplo, a insuficiência da personalidade. Isso induz muitas pessoas a procurarem no álcool um meio de "afogar" seus complexos (no caso só os de inferioridade, o que parece esquisito), sua ansiedade ou seu sentimento de culpa.

É certo que muitos viciados apresentam êsse quadro. Contudo, a abordagem psicológica não pode ser generalizada.

Se o vício for tratado como pura enfermidade fisiológica ou como um desarranjo na personalidade, a moral e a justiça (para não mencionar a religião) serão alijadas da mesa redonda na qual se discute a melhor terapêutica para a cura do doente.

★ ★ ★

"E Jesus respondendo-lhes disse: os sãos (os que estão completos) não precisam de médico, mas só os doentes" (LUCAS 5:27-31)

Se o vício for considerado uma enfermidade fisiológica ou psicológica apenas o viciado ficará isento de qualquer responsabilidade pelos seus atos. Um enfêrmo não o é por escolha própria. Um alcoólatra, não pode ser condenado se, sob ação da bebida cometer um crime de morte. Êle vicia-se por causa de uma insuficência da tiroide que foge ao contrôle da sua vontade.

Êsse é um diagnóstico simples, objetivo, concludente. Mas não corresponde à realidade. Há nele uma falácia que é preciso revelar, e então se perceberá quão perigoso êle é. E a falácia — é esta: a enfermidade não é matéria de escolha, mas o mal é. Ninguém escolhe ser vítima do câncer. Mas uma pessoa escolhe agir erradamente embora conheça o certo. Não se cura um asmático como se cura um mentiroso. Uma pessoa pode curar-se da asma e continuar a mentir. Mas não poderá continuar a mentir se pretende curar-se da mentira.

Estamos incorrendo em um perigo de graves conseqüências: o de confundir a causa com condição e mal com enfermidade. Pode uma pessoa não dispor de condições essenciais para agir corretamente. Exemplo: um viciado sob ação do álcool não dispõe dessas condições. Mas o vício é, aqui, apenas uma condição. A causa verdadeira foi a sua errônea decisão de entregar-se ao vício. Pode-se até curá-lo do vício por um processo simples de reflexo condicionado. Mas, no caso, o que se remove é a condição. Êle perderá o gosto da bebida. Eventualmente sentirá nauseas só ao pensar na bebida. Mas bem dife-

rente é a remoção da causa do vício: uma decisão moral de repudiar a bebida. O que podemos e devemos fazer é conjugar as duas terapêuticas: a de condição e a de causa. A confusão é prejudicial.

Uma enfermidade é uma desordem funcional e estrutural. Há várias enfermidades: do estômago, do fígado, da vesícula, etc. Mas a mentira, por exemplo, é uma só. Pode revestir formas diversas. Mas ela é sempre a mesma. E não é uma enfermidade dêste ou daquele órgão. Embora possamos classificá-la como enfermidade, ela é uma desordem da personalidade tôda. É uma perdição completa. A sua persistência conduz o homem à morte. Pode uma criatura perder um rim e continuar a viver. Mas ninguém pode viver mentindo.

—//—

"Os que estão completos não precisam de médico..."

A atitude fundamental de um médico é a descoberta do local da moléstia. Em seguida, estabelece êle um diagnóstico seguro e preciso. Só depois prescreve o tratamento.

Jesus era um perfeito diagnosticador das enfermidades que atacam a natureza humana. Seu conhecimento da natureza humana é sem falhas. Essa notável verdade está sendo agora descoberta pelos psicólogos mais representativos. A psicologia deu uma enorme volta para, por fim, se aproximar dos processos adotados por Jesus na solução dos problemas humanos. Está ela adotando a terapêutica. Contudo, ainda não aceitou o diagnóstico feito pelo Mestre. Não sabemos se, dêsse modo terá ela êxito. É de se duvidar. De qualquer modo, essa direção tomada pela psicologia moderna nos enche de esperança. A adoção da terapêutica do cristianismo é, pelo menos tacitamente, o reconhecimento do acerto do diagnóstico de Jesus. O psicólogo norte-americano Link (Return to Religion) revela que, aos poucos, e sem perceber, estava êle adotando os processos cristãos nas indicações que fazia aos seus clientes. Por êsse tempo, estava afastado da Igreja (fôra criado na Igreja Metodista). Mas as indicações que fazia, dentro das normas indicadas por Jesus, tôdas resultavam benéficas para as pessoas que o procuravam. Essa, foi, segundo êle, uma das fortes razões que o trouxeram de volta à Igreja. Abandonara a Igreja em nome da psicologia. Agora, retornava à Igreja também em nome da psicologia.

Quem acompanha de perto a obra de Jesus fica com a impressão de que êle parecia um velho médico da família. Um

conhecedor de todos os problemas que afetavam as criaturas. Dos seus atos fica bem claro que êle era sensível a tôdas as anormalidades, quer físicas, mentais ou morais. Um escritor, impressionado com essa habilidade de Jesus chega a dizer que sua sensibilidade era semelhante à contraparte espiritual de um estetoscópio ou de um eletrocardiograma. Quando Jesus afirma: "Do coração do homem procedem os maus caminhos...", é porque êle já fizera um exame completo do enfêrmo. Essa sua afirmação é mais segura que um eletrocardiograma.

Êle adianta que veio cuidar dos enfermos. Daqueles que não estão completos. Aos quais falta algo essencial. Se alguém não sente falta de nada, dispensa o tratamento de Jesus.

——//——

"O que não nascer de novo não pode entrar no Reino de Deus" (João 3)

Eis aqui alguns exemplos que ilustram bem essa sensibilidade que tinha Jesus para perceber e distinguir os problemas.

Uma noite foi êle procurado por Nicodemus, um mestre religioso, membro da alta côrte judaica, e uma figura respeitável de homem reto temente a Deus. Jesus percebeu logo, ao primeiro contato, a sinceridade daquela alma à procura de alimento. Mas, aquilo que para outro pouco significaria — a hora em que se verificou a entrevista — no diagnóstico de Jesus assumiu capital importância como pista para um exame seguro. Nicodemus era uma alma à procura do alimento espiritual. Êle estava anêmico, raquítico, sem possibilidade de crescer e libertar-se. Sua concepção da vida religiosa era muito estreita. Preso às restrições de uma tradição religiosa autoritária, estreita, sufocante, não podia compreender bem seu próprio estado de pobreza. Outro mestre teria feito prescrições de exercícios espirituais mais intensos e numerosos. Jesus indicou uma terapêutica radical, violenta, que provocou escândalo no próprio enfêrmo: uma operação transformadora da sua personalidade. "Se alguém não nascer de novo..." Exercícios espirituais seriam puros paliativos que apenas haveriam de prolongar a enfermidade. Além de não alcançar o sentido da prescrição, Nicodemus escandalizou-se com a neeessidade de um novo nascimento. Sua capacidade para distinguir realidades espirituais estava de tal modo deformada por

anos de uso de drogas religiosas que êle reagiu à prescrição. "Como pode um homem nascer sendo velho? Pode, porventura, tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?" Como se Jesus não estivesse em condições de perceber o absurdo de tal prescrição, tivesse ela o sentido adotado por Nicodemus.

O problema de Nicodemus é típico de uma situação universal. Há pessoas que vivem presas a estreitas concepções da vida espiritual. Sentem a falta de algo mas não sabem onde encontrar. Morrem aos poucos embora mantenham uma intensa vida espiritual.

Certa senhora, sentindo-se doente, procurou o médico. Feito rigoroso exame, foi fácil ao clínico descobrir que ela estava com apendicite, em estado adiantado. Revelada a enfermidade, a paciente, atemorizada, solicitou: o sr. não pode indicar-me um bom clima para uma estação de águas a fim de que eu me cure dessa enfermidade?

Por estranho que pareça, há pessoas que pretendem, talvez numa ignorância clamorosa como essa senhora, curar uma enfermidade espiritual com repouso, estação de águas, retiros espirituais, ou alguma outra droga.

Grande número de pessoas padecem de uma enfermidade semelhante àquela de que era vítima Nicodemus. No caso de Nicodemus Jesus prescreveu uma cirurgia e não uma simples medicação. É de uma intervenção cirúrgica que precisam tais pessoas. "Necessário vos é nascer de novo". O coração humano está enfêrmo. E não é possível qualquer recuperação. Jesus prescreve uma ablação completa do órgão e nele implanta um novo coração. "Tirarei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne". Um coração sensível às influências divinas. A maior parte das criaturas sofre dêsse tipo de enfermidade: corações irremediàvelmente perdidos. Pouco adianta prescrever sedativos, períodos de descanso espiritual, exercícios mais intensos. Só uma cirurgia salvará tais enfermos. E Jesus é seguro: se alguém não nascer de novo não pode entrar no Reino de Deus.

Ao proceder ao exame do paciente Jesus vai sempre ao foco da infecção. Êle nunca se engana. Acertou com a enfermidade de Nicodemus. Não tomou os sintômas pela moléstia. O que freqüentemente ocorre quando a abordagem dêsses problemas espirituais é feita por pessoas sem a necessária especialização. Hoje, o domínio da vida espiritual está sendo explorado por vários profissionais. Até economistas, exorbitando de suas próprias limitações, invadem o domínio do espírito e pretendem curar os males de que é vítima o

homem da sociedade moderna. Jesus era o especialista das moléstias do espírito. Acertaremos sempre se seguirmos suas indicações, seus métodos e sua terapêutica.

—//—

"Vai, vende tudo quanto tens, dá-o aos pobres, e vem seguir-me; e terás um tesouro no céu" (MATEUS 19:21)

Foi essa a prescrição que fêz Jesus para um jovem, rico e correto, que o procurou para conhecer o segrêdo da vida plena e feliz. Êsse jovem é outro caso típico. Ilustra êle, muito bem, a situação de inúmeras pessoas. Vejamos qual era a espécie de enfermidade espiritual de que sofria o jovem.

Era muito rico. Devia ter recebido uma grande herança. Mas era um moço de bem. Correto, caráter puro, profundamente religioso. O que era e é raro. A experiência mostra que os ricos, via de regra, são corrompidos em todos os aspectos da vida. Mas, como tôda regra tem excessões... há ricos, como êsse jovem, que desmentem a regra geral, e constituem a esperança dos que pretendem enriquecer. Provam, ainda, que é possível ser rico e ser honesto. E mais: que a honestidade não decorre da pobreza, como a desonestidade não decorre da riqueza. Noutras palavras: o problema não está no dinheiro e sim no homem que o maneja.

Êsse jovem tinha tudo para ser feliz: garantias econômicas inesgotáveis, posição social muito destacada, pureza de vida pessoal, reputação ilibada, vida religiosa intensa e rigorosa. Mas ainda se sentia infeliz. Que estava ocorrendo em sua vida? De que enfermidade sofria êle se tinha tudo o que, comumente, faz as pessoas felizes? Procurou o grande médico, e êste, ao examiná-lo disse-lhe: falta-te uma coisa: vai, vende tudo quanto tem, dá-o aos pobres e vem seguir-me. A enfermidade do jovem era uma visão defeituosa da vida real. Era honesto em suas aspirações: pretendia alcançar a bem-aventurança. Mas estava êle centralizado em si mesmo (suas virtudes) e na sua riqueza (vida material). Fizera dessa centralização um fim, quando ela devia ser um meio. Ser bom e honesto é dever básico de todos, e ser rico é possibilidade de todos. Jesus não criticou as virtudes e a riqueza do jovem. Pelo contrário, apreciou-as devidamente. Não lhe faltavam outras virtudes.

Com a prescrição feita pretendia Jesus mudar a visão que o jovem tinha da vida e dos bens. E ao mesmo tempo centralizar suas atenções na sua pessoa: vem seguir-me.

Inúmeras pessoas estão sendo vítimas da mesma enfermidade espiritual. Centralizadas nos bens materiais (fixação exterior) ou nas suas virtudes (fixação interior), perdem o sentido exato da vida. A despeito dos bens e das virtudes, sentem a falta de alguma coisa. Não se trata de um acréscimo aos bens ou às virtudes. Trata-se de uma falta capital: a fixação em um ideal superior. E note-se êste pormenor: não uma concepção, uma abstração qualquer, mas uma pessoa. Jesus fêz um convite ao jovem rico e virtuoso: vem seguir-me. O ideal é a pessoa de Jesus. Ninguém, que não o segue, pode tornar-se realmente feliz.

Geralmente se supõe que uma pessoa com a segurança econômica do jovem, com sua ilibada reputação, e com sua firmeza religiosa, não deve sentir falta de mais nada. Contudo, aí está o exemplo dêsse jovem. Seu caso é típico. Há muitas pessoas nas mesmas condições. Como êsse jovem, muitas pessoas mantêm uma atitude negativa perante a vida: não roubam, não furtam, não matam, não proferem mau testemunho. Isso é o mínimo que se deve esperar de uma pessoa. Uma atitude negativa em face da vida não satisfaz. Jesus indicou, como solução, uma atitude positiva, dinâmica: vem seguir-me.

Outro caso típico é o do homem cuja indústria havia produzido em super-abundância. Recolheu todos os seus lucros e disse à sua alma: tens muito em depósito para muitos anos. Come, bebe, folga! Jesus chamou louco a êsse homem. Se se lhe apresentasse um problema espiritual êle sucumbiria. Há pessoas que gastam a vida tôda cultivando o aspecto material da existência. Nunca encontra tempo para o cultivo do espírito. São personalidades anormais, defeituosas, doentias. Nos momentos críticos, não resistem. Falta-lhes algo. Falta-lhes o essencial. Falta-lhes a resistência espiritual.

——//——

"Os são (completos) não precisam de médico, mas os doentes (incompletos)

Em todos os seus diagnósticos Jesus procedia de tal maneira que uma enfermidade nunca aparecia como causa única do desequilíbrio. Êle procedia como todo médico de hoje: considerava o homem como um todo. Hoje, dá-se mais importância ao doente que às doenças. Como dizia Shattuck, "Às vêzes é mais importante conhecer que espécie de pessoa tem certo germe, do que conhecer que espécie de germe tem certa pessoa". Já Platão criticava a

distinção que se fazia entre corpo e alma. "Êste é o grande êrro do nosso tempo no tratamento do corpo humano: a separação que os médicos fazem entre o corpo e a alma".

Jesus compreendia perfeitamente a interação do corpo e do espírito. As curas por êle efetuadas, quer de moléstias de fundo psicogênico ou fisiogênico, revelam êsse profundo conhecimento. Há no homem algo de valor permanente. Mas êsse valor se expressa por elementos sujeitos às necessidades básicas, às enfermidades do corpo ou da mente, aos defeitos da educação, aos vícios do meio ambiente, às injunções econômicas, políticas e sociais. Ao curar um enfêrmo Jesus lançava mão de todos os recursos necessários.

Se seu diagnóstico era completo, a terapêutica o era também. E era radical. Não tentou êle curar uma anemia moral com trivialidades. Era até causticante. "Se a tua mão direita te prejudicar, corta-a e lança-a de ti". Aos que pretendiam manter dois padrões de vida, disse êle: não podeis servir a dois senhores! Diante da hipocrisia religiosa aplicava uma dose alta de condenação com o fim de despertar a consciência.

Tudo isso fêz do cristianismo a fonte de tôdas as soluções de problemas humanos. Filosofia de vida, relações sociais, regime econômico, educação e formação, e até diagnóstico e terapêutica de enfermidades físicas. Mas, sobretudo, é o cristianismo o remédio divino para a cura dos males do espírito. É uma solução permanente para os problemas relacionados com os valores permanentes.

—//—

"Não se turbe o vosso coração" (João 14:1)

Exemplifiquemos tudo quando temos dito até aqui.

Há uma relação muito íntima entre o descanso físico e mental e a vida espiritual. Jesus percebeu essa relação e freqüentemente se valeu dela para indicar a melhor terapêutica aos que o procuravam.

Se nosso espírito estiver tranqüilo, seguro, e fundado nalguma coisa imutável, pode o corpo ser batido pelas vicissitudes. Não há perigo de qualquer desequilíbrio. "Os que esperam no Senhor renovarão as suas fôrças", disse o profeta Isaías. Aqueles que espiritualmente repousam em Deus sentem o constante renovar das fôrças psíquicas. O que permite a renovação das fôrças físicas. Uma pessoa psìquicamente equilibrada estará em condições de utilizar-se de suas fôrças físicas sem desgastá-las.

Por outro lado, o corpo humano recebeu, do cristianismo, uma importância que antes não tinha. O cristianismo cercou o corpo humano de dignidade. Paulo diz que "o vosso corpo é o templo do Espírito Santo". Nosso corpo é o templo da divindade. E' pelo corpo que o espírito se manifesta e entra em contato com o mundo exterior. Êsse corpo deve ser devidamente cuidado e conservado. No cristianismo espírito e corpo são igualmente importantes. Na ressurreição, é o que afirma a Bíblia, nosso corpo será glorificado. É dêste corpo atual que se fará o corpo celestial. Logo, êste corpo deve ser preservado. Daí todo incentivo à ciência para que prossiga na descoberta de recursos necessários à preservação sadia do corpo.

Hadfield, o psiquiatra inglês, diz: "Estou convencido de que a religião cristã é uma das mais valiosas e poderosas influências que possuimos para produzir a harmonia, a paz mental, e a confiança de espírito tão necessários à conquista da saúde a um grande número de doentes nervosos." Afirma que tem levado seus clientes à conquista da paz de espírito pela fé em Deus.

Essa é a grande contribuição do cristianismo para a saúde do corpo e da alma.

——//——

"Eu sou o pão da vida" (João 6:35)

Há, no mundo moderno, um excessivo cuidado com o corpo e um quase desprezo do espírito. Todos os dias cuidamos do corpo: alimentamo-lo, protegemo-lo, e fortalecemo-lo para que suporte os imprevistos. Quando é atacado por qualquer moléstia, imediatamente procuramos pô-lo a salvo da destruição. Agimos bem. Tudo quanto se fizer em benefício do corpo será acertado.

Não se compreende o desprezo pelas necessidades do espírito. Negar-lhe a existência é quase uma insensatez. Pois o espírito tem as mesmas necessidades do corpo. Êle precisa de alimento, proteção e cultivo, como o corpo. Êle precisa, sobretudo, de estabilidade, à semelhança do corpo. O famoso biologista Bernard afirma que "é a fixidez do 'milieu interior' a condição de uma vida livre e independente, e todos os mecanismos, variados como sejam, têm um só objetivo, o da preservação constante das condições da vida no meio interior". Isso significa que todos os elementos componentes do nosso corpo trabalham, em acôrdo, para a manutenção dessa estabilidade. Sem ela, o corpo não se mantém, não consegue oferecer

resistência aos inimigos do exterior, e não pode promover o seu desenvolvimento.

Na vida espiritual opera o mesmo processo. É necessário que os elementos da vida espiritual operem, em harmonia, para a estabilidade e o equilíbrio.

No nosso organismo há alguns centros vitais mais protegidos e que resistem mais tempo à ação destruidora dos micróbios. Em caso de morte por inanição, tecidos do coração e do cérebro resistem mais que os outros. Atendida a tempo, pode a criatura sobreviver. Ela mesma conserva a consciência a fim de prover-se o alimento que estiver à mão. É uma defesa natural do organismo.

Nossa vida espiritual também dispõe dêsses centros vitais. É necessário fortalecê-los para que funcionem bem quando solicitados. O alimento dêsses centros vitais é Jesus. Êle disse: eu sou o pão vivo que desceu do céu!

FOLHETOS PARA EVANGELIZAÇÃO

Edições UNITAS

O Rev. Miguel Rizzo, Secretário Executivo do ICR, está publicando uma série de folhetos para a evangelização das classes média e superior.

Já foram publicados os seguintes: 1 — Mentalidade contemporânea, 2 — Crenças perniciosas, 3 — Fé experimental, 4 — A Providência, 5 — Revelações inconscientes, 6 — Fronde sufocante.

Êsses folhetos estão à disposição dos sócios do ICR. Cada sócio pode solicitar a quantidade que puder distribuir aos seus amigos e conhecidos com o propósito de fazê-los conhecer a mensagem cristã. São ótimos folhetos para começar uma ação evangelística junto a pessoas que nunca foram a uma Igreja e têm algum preconceito nesse sentido.

Também estamos oferecendo quantidades dêsses folhetos às igrejas, a preços módicos. É um serviço que o Instituto presta às igrejas.

* * *

Mantemos no escritório do Instituto um fichário completo com nome e endereço de pessoas às quais estamos enviando os folhetos regularmente. Nossos leitores poderão remeter-nos outros nomes de pessoas amigas e nós nos encarregamos de lhes enviar os folhetos.

Estudos Bíblicos

A CURA DIVINA

Adauto Araújo Dourado

Em 1872, o filósofo e cientista Prof. João Tyndall visitava os Estados Unidos, fazendo conferências em muitas cidades. Cético que era, afirmou entre outras coisas que a oração é algo sem propósito e anticientífico. E argumentava da seguinte maneira: "Ide a um hospital e dividi os doentes em dois grupos iguais, verificando bem que todos êles sofrem de doenças semelhantes e que receberão o mesmo tratamento médico, mas permiti que os cristãos orem por um grupo e o outro fique sem oração. Então vereis que não haverá qualquer vantagem para aquêles que forem objeto das orações".

Admira-se que um cientista da estatura de Tyndall tenha dado sugestão tão impraticável e absurda como essa. Em primeiro lugar, é impossível dividir os doentes de um hospital em dois grupos em que a gravidade da doença seja igual. Em segundo lugar, não é possível assegurar-se que todos receberão tratamento médico igual. E em terceiro lugar, não é possível impedir que alguém ou os próprios componentes do segundo grupo orem pelo grupo que se determinou ficar sem oração.

Atualmente, a atitude de grandes cientistas para com a oração é bem diferente da que Tyndall assumiu. Foram encontrados em papéis escritos por Alexis Carrel os seguintes pensamentos: "O médico que vê o enfêrmo entregar-se à oração pode regozijar-se. A calma que a oração engendra é poderoso auxílio para a cura". E acrescenta: "É pela oração que o homem alcança Deus e que Deus entra nêle. A oração é indispensável ao nosso mais alto desenvolvimento".

Um médico que é chefe do serviço de anestesia de um grande hospital conta a sua experiência: "Por muito tempo tenho observado a atitude mental e espiritual de doentes que vão para a sala de operações. Naturalmente, êsse é um momento sério para todos êles. Muitas vêzes tenho notado que seus lábios se movem em oração, justamente quando estou colocando a máscara para dar-lhes o anestésico.

"Os doentes que vão para a mesa de operações, confiando em Deus, tomam menos anestésico, voltam a si mais ràpidamente e não sofrem tanto do natural mal-estar posterior, produzido pelo anestésico".

A Bíblia dá ênfase à eficácia da prece. O Deus da Bíblia é Pai que responde às orações. Muitos fatos que revelam o poder maravilhoso da oração são narrados em suas páginas para induzir-nos a uma vida de oração. Jesus empregou grande parte de seu tempo em oração e nos ensinou que deveríamos orar sempre. Em harmonia com o ensino geral da Bíblia, Tiago expressa sua confiança no valor da oração, nestes têrmos: "A oração da fé salvará o enfêrmo... Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo".

Analisemos primeiramente o poder subjetivo da oração. Ainda que Deus não respondesse às orações, haveria bênçãos para quem orasse. A atitude de confiança e calma que a oração produz salva a pessoa da tensão nervosa, dá-lhe a oportunidade de reflexão e lhe abre assim maiores possibilidades de encontrar a solução certa para os seus males.

Há, sem dúvida alguma, grande poder de sugestão na prece. Estudos sérios nos mostram que não é para desprezar-se o poder da sugestão ou da auto-sugestão. Há muitas enfermidades de fundo nervoso que se curam pela sugestão. E' reconhecidamente um meio de cura, que se emprega hoje no tratamento de diversas enfermidades.

As curas da "Christian Science" e de muitos milagreiros antigos e modernos, em grande parte, explicam-se pelo poder da sugestão. Quando o foco da atenção está na saúde e não na doença se conseguem verdadeiras maravilhas. Daí a magia de frases como essas, quando repetidas freqüentemente: "Cada dia e em cada lugar me sinto melhor".

Qualquer pessoa que lê ou estuda psicologia sabe que a oração da fé tem, pelo menos, efeito subjetivo de grande poder. Reconheço o poder subjetivo da oração e dou graças a Deus por êle, mas o poder da oração vai muito além da subjetividade.

Estudemos agora o poder objetivo da oração. Sòmente nos é possível orar com efeito dinâmico sôbre nós mesmos, quando oramos com fé viva em Alguém, que é maior do que nós e que se interessa por nós. Clemente de Alexandria, que viveu no terceiro século, gostava de pensar em oração como

uma "espécie de correspondência mútua e recíproca" entre Deus e o homem.

Duas objeções sérias se levantam contra o poder objetivo da oração. A primeira é que Deus não pode responder às orações, porque governa o universo com leis naturais inflexíveis. A resposta às orações implicaria em desordem universal.

Poderiam as orações que pedem chuva suspender as leis da meteorologia? Seriam as orações em favor de pessoas doentes capazes de tornar sem efeito as leis da fisiologia e da bacteriologia?

Lembremo-nos, porém, de que Deus em seu próprio ser não se identifica com as leis naturais e não se subordina a elas. O argumento de que Deus não pode responder às orações, por causa das leis naturais com que governa o cosmos sòmente seria válido, se Êle estivesse sujeito ou limitado por elas.

As leis naturais são o modo comum que Deus usa e geralmente não há excepção, mas elas não podem limitar a ação de Deus. Laplace supunha que a ordem natural era tão rígida, que, se conhecessemos tôdas as leis de causa e a disposição atual de cada partícula material no universo, incluindo sua velocidade e direção de movimento, poderíamos predizer todos os acontecimentos futuros. Cientistas modernos como Einstein, Jeans e outros acham que Laplace estava errado, porque o universo não é êste sistema fechado e rígido que êle imaginara. Há uma vontade soberana que criou e dirige essas leis e que é sensível às orações. Deus não é um prisioneiro das leis naturais.

A segunda objeção baseia-se no fato de que Deus conhece e age melhor do que nós. Portanto, se atendesse às orações deixaria de fazer o melhor. Essa objeção encarada abstratamente parece muito forte. Mas o melhor que Deus pode fazer por nós depende da nossa atitude, como o melhor que um pai pode fazer para o seu filho depende das atitudes dêsse filho.

Quando oramos não sabemos quais serão os resultados, se agradáveis ou desagradáveis, se de saúde ou doença. Sabemos, entretanto, que Deus sòmente pode fazer o melhor por nós, quando oramos. Do contrário,, o melhor de Deus estará sempre limitado pela nossa falta de oração.

A Bíblia nos apresenta um Deus que responde às orações e Tiago se apressa em mencionar um fato. Êle diz: "Elias era um homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos e orou com instância para que não chovesse sôbre a terra, e por três anos e seis meses não choveu. E orou de novo e o céu deu chuva, e a terra fêz germinar os seus frutos".

Starr Daily conta a história de um menino que estava muito doente de paralisia infantil. A mãe do menino, trêmula e em pranto, o

levou à Igreja. O rev. Brown, que era o pastor da Igreja, perguntou à mãe: "Se a senhora soubesse que a vontade de Deus seria levar para o céu o seu filhinho, a senhora permitiria?" Depois de grande luta íntima, ela disse: "Sim, se eu tivesse a certeza de que a vontade de Deus seria levar o meu filhinho para Êle, eu permitiria". O pastor Brown apresentou a criança a Deus em oração, submetendo-a completamente à misericórdia e sabedoria de Deus. Três dias depois a criança estava completamente curada, sem nenhum sinal de paralisia no corpo.

Deus é sempre o mesmo, como respondeu às orações no passado, responde no presente e responderá no futuro. E a experiência dos seus filhos em tôdas as épocas é sempre a mesma: "Elevo os meus olhos para os montes: Donde há de vir o meu socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fêz o céu e a terra'.

Catarina Marshall, na inspiradora biografia que escreveu do seu espôso, rev. Pedro Marshall, que foi capelão do Senado norte americano, em meio da história fascinante de seu espôso, conta-nos também algo da sua própria história.

Ficaria tuberculosa. O choque fôra tremendo. Nas mãos de cinco médicos, incluindo alguns dos melhores especialistas norte-americanos em moléstia dos pulmões, não experimentava nenhuma melhora. A doença permanecceia indomável.

Nessa ocasião começara a ler o Novo Testamento, ponderando os milagres de cura, que Jesus operara. Até então nunca se preocupara em saber se os milagres que Cristo realizava em corpos doentes ainda se repetiam nos dias atuais.

Lembrara-se de que Jesus nunca recusara a quem quer que fôsse que lhe pedisse auxílio. Nunca dissera: "Eu não te curo. Essa doença é boa para a tua alma". Os evangelhos nos mostram, pelo contrário, um Jesus sempre interessado no bem-estar do corpo humano.

Começara, então, a pensar: Por que não pedir a Jesus que me cure? Sentia-se, entretanto, indigna de pedir tal coisa.

Impressionara-se com o fato que Deus é amor. Reconhecera que havia algumas coisas nela, que eram contrárias ao amor, como ressentimento, falta de perdão, impureza e que impediam a permanência de Deus em seu coração, como uma janela fechada impede a entrada dos raios de sol.

Passou a examinar em agonia de mente e espírito, a sua própria vida. Lembrou-se vìvidamente de tôdas as suas transgressões e omissões. Escreveu num papel tôdas aquelas coisas que a envergonhavam. Confessou essas faltas à sua mãe e algumas ao seu espôso. Escreveu muitas cartas, pedindo perdão por faltas que há muito tinham

sido esquecidas. Não se contentou com o perdão que o tempo naturalmente oferece. Pediu coragem a Deus para pô-las no correio. Tudo foi feito escrupùlosamente.

Quando a sua tarefa metódica de confissão de pecado se tinha realizado, justamente como Tiago nos parece sugerir, ela pediu a Deus que a curasse. Cheia de confiança aguardava o resultado da chapa radiográfica. Mas o Raio-X revelou-lhe que não tinha havido nenhuma melhora.

O desapontamento foi enorme e lhe produziu tremenda crise. A sua fé desfalecera. Tudo parecia indicar que Deus tinha falhado.

Seu espôso resolveu mandá-la descansar nas praias da Virgínia, juntamente com os pais dela. Na partida, o espôso lhe deu um folheto, dizendo-lhe: "Eu o encontrei no escritório da Igreja, quando arranjava uma gaveta. Parece tratar-se de cura espiritual. Não tive tempo de lê-lo, mas julguei que você gostaria de passar os olhos nêle".

O folheto fôra de grande oportunidade. Deus não havia falhado e a resposta estava no folheto, que contava a história de um missionário que estivera no leito de enfermidade por oito anos. Durante êsses oito longos anos, ela perguntava a Deus porque a tirara do trabalho do Reino e a deixava enfêrma. Não podia entender isso. Orava a Deus que a curasse para que ela continuasse seu importante trabalho. Mas não houve a cura esperada. Finalmente em desespêro e sentido o fracasso completo de suas orações, com profunda resignação, ela se chegou a Deus e lhe disse: "Senhor, se é para eu ficar doente o resto da vida, eu me curvo à tua vontade. Eu te amarei ainda mais do que na saúde. Agora, tu é que vais decidir". Entregando-se assim nas mãos de Deus, começou a sentir paz e dentro de duas semanas estava completamente curada.

A experiência da missionária fôra uma inspiração para Catarina. No comêço, aquela história se parecia muito com a sua própria história. E um dia, com lágrimas nos olhos, Catarina orou: "Senhor, eu tenho feito tudo o que posso para sarar e não me sinto melhor. Eu me encontro demasiadamente cansada da luta de tentar persuadir-te a fazer o que eu quero. Estou vencida e abatida. Se tu desejas que eu fique inválida para o resto da vida, aqui estou. Faze o que tu queres com a minha vida".

Foi numa manhã, às três horas da madrugada, que ela experimentou o amor de Deus inundar-lhe a vida e sentiu que Deus ia curá-la. As melhoras a partir dessa hora foram sensíveis até à cura completa.

Os céticos surgem e desaparecem, mas as palavras de Tiago permanecem, confirmadas pelas gerações: "Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo".

"Va Pensiero Sull'ali Dorate"

Odilon Nogueira de Matos

Aquêles que já tiveram oportunidade de assistir a famosa ópera Nabuco, de Giuseppe Verdi, provàvelmente se lembrarão da empolgante cena com que termina o terceiro ato, às margens do Eufrates, quando os hebreus cativos cantam o belíssimo côro cujas primeiras palavras servem de título a estas notas.

Recordemos os fatos. Naquela curiosa sucessão de hegemonias que caracteriza a história da antiguidade, chegou a vez dos caldeus extenderem suas conquistas e seu domínio sôbre grande parte da chamada Ásia Menor. Desde fins do século VI A.C. o poderio babilônico se consolidara. Aliados aos medos, vencendo definitivamente os assírios, voltou Nabucodonozor suas vistas para o Egito, infringindo-lhe uma primeira derrota em 605. Para essa conquista precisava ter o caminho livre e desembaraçado de quaisquer povos que mantivessem relações com os egípcios. Ora, a aliança de Necão II com o reino de Judá constituia séria ameaça aos planos do famoso monarca. Daí, as numerosas investidas sôbre Jerusalém, a partir de 606. Uma coligação inspirada por Psamético II, da qual participaram as cidades fenícias e o reino de Judá, fêz precipitar os acontecimentos e Jerusalém foi tomada em 587. O rei Sadecias foi deposto e o que resta de válido na população da cidade foi levado para Babilônia. Entrando pessoalmente na "cidade santa", Nabucodonozor ordenou a destruição do Templo de Salomão — supremo castigo para os judeus! — bem como do palácio real e de todos os grandes edifícios. Segue-se o chamado "cativeiro de Babilônia" que durou até a tomada da grande cidade do Eufrates por Ciro, rei dos persas, em 538.

Embora se saiba que durante a permanência em Babilônia os hebreus não sofressem perseguições, antes lhes foi permitido praticar seus usos, ter juízes próprios, adquirir propriedades e até exercer funções públicas, chegando mesmo alguns a gozar de grande prestígio na côrte, nada disto os consolava do desastre de ter a pátria saqueada e da desgraça de ver o Templo profanado e destruído. A voz de seus profetas e a crença inabalável em Jeová eram as únicas fôrças que estimulavam seus anseios de liberdade (de que é belo exem-

plo o salmo 137) e faziam-nos esperar, confiantes em dias futuros, a restauração da casa de Davi, interrompida com a deposição de Sedecias, após mais de quatro séculos no trono de Judá.(1)

Inspirado neste episódio bíblico-histórico, Temistocles Solera, medíocre dramaturgo italiano do século passado, engendrou o drama que se tornaria o "libretto" da ópera composta por Verdi em 1842. A imaginação de Solera era tão pobre quanto a sua veia poética ou os seus conhecimentos de História. O resultado não poderia ser senão um dramalhão tolo, de nenhum valor quer literário, histórico ou poético. Salvou-o apenas a partitura de Verdi que, em algumas de suas passagens, alcança momentos de suprema beleza. Recordemos, em linhas gerais, a peça tal como foi escrita por Solera. Seus personagens principais são: Nabucodonozor, rei de Babilônia; sua filha Fenena; Abigail, uma escrava, suposta filha do monasca; um jovem hebreu de nome Ismael; Zacarias, sumo-sacerdote dos hebreus; um sacerdote de Baal e um oficial babilônico.

O primeiro ato passa-se no templo de Salomão, em Jerusalém. O povo e os sacerdotes lamentam sua derrota nas mãos de Nabucodonozor e pedem a Jeová para pouparlhes pelo menos a desgraça de ver o templo cair em poder dos inimigos. O sumo-sacerdote Zacarias exorta o povo a confiar no Senhor, mas ao chegar a notícia de que Nabucodonozor avança a fim de ocupar o templo, caem todos em grande consternação. Ismael, portador da triste notícia, fica só com Fenena, filha de Nabucodonozor e que se encontrava como refem entre os hebreus, e por quem se apaixonara desde que estivera em Babilônia a serviço do rei. O colóquio é interrompido pela chegada de Abigail à frente dum corpo de soldados. Ameaça de morte imediata aos dois amantes, mas acaba confessando que também ama Ismael e que poderá salvá-lo se êle corresponder ao seu amor. Surge o sumo-sacerdote a anunciar que êle próprio viu Nabucodonozor dirigir-se para o templo. Pouco depois, com efeito, as tropas inimimas invadem o templo, tendo à sua frente o monarca. Zacarias ameaça matar Fenena caso

---

(1) Êste salmo foi um dos mais preferidos pelos compositores de música sacra, tanto católicos, como protestantes. Convém citar, entre as obras nêle inspiradas, os motetes de Palestrina e de Orlando de Lassus "Super flumina Babylonis") e o belíssimo coral de Bach ("Am Wasserflüssem Babylom"). A recente gravação dum disco de cançeõs russas (religiosas e folclóricas), interpretadas por Boris Christoff, talvez o maior baixo dos nossos dias (digno sucessor de Chaliapin!) revelou-nos um cântico da Igreja Russa também inspirado no salmo 137 (ou 136 da Vulgata), de autor desconhecido, porém atribuído a Znamedy.

o templo seja profanado ("Pria che tu profani il tempio, della tua figlia scempio questo pugnal farà!"). Nabucodonozor diz-lhe que de nada adiantará resistir, pois os israelitas foram vencidos e a tentativa de Zacarias no sentido de tirar a vida a Fenena é obstada por Ismael. A fúria de Nabucodonozor torna-se sem limites e ordena a pilhagem do templo, enquanto os hebreus acusam Ismael de traição ("Dalle genti sii reiietto, dei frateli traditore!").

O segundo ato passa-se em Babilônia, para onde os hebreus foram levados cativos. Nabucodonozor, ausente em campanhas militares, deixou Fenena como regente. Abigail, enciumada pela posição de Fenena e ansiosa por saber se de fato é filha de Nabucodonozor ou apenas uma escrava (como já ouvira dizer), encontra um documento que prova que, de fato, ela não é filha do monarca. Isto a deixa furiosa, mas no mesmo tempo recorda seu amor por Ismael. Entra um sacerdote e lhe diz que Fenena, tendo se convertido à religião dos hebreus, pretende libertar todos os prisioneiros. Concerta um plano com Abigail: espalhará a notícia da morte de Nabucodonozor e fará com que a jovem suba ao trono. Abigail vê nisso a oportunidade de vingar-se de Fenena. A cena seguinte desenrola-se num saguão do palácio real, onde numerosos hebreus estão reunidos. O sumo-sacerdote Zacarias invoca o auxílio de Jeová. Os israelitas novamente recriminam Ismael pela traição, mas Zacarias lembra-lhes que Fenena, por quem o jovem cometeu a gravíssima falta, converteu-se a Jeová e é graças a ela que serão salvos. Um oficial entra para anunciar que, em virtude da morte do rei, Abigail planeja matar Fenena. Poucos instantes depois entra Abigail e exige a corôa. Inesperadamente, e com surprêsa para todos, pois já era tido como morto, chega Nabucodonozor, em tempo de evitar uma tragédia entre as duas mulheres. Toma a corôa e coloca-a em sua própria cabeça. Levado pelo orgulho, exige que seu povo o adore como a um deus, obrigando Zacarias e Fenena a curvarem-se diante dêle em sinal de adoração ("Giù... prostrati! Non son più Re, son Dio!"). Ouve-se um trovão e misteriosamente a corôa é arrancada por uma fôrça sobrenatural da cabeça de Nabucodonozor e atirada ao chão. Passado o pânico, o rei, quase louco, lamenta que ninguém, nem mesmo suas filhas, tivessem acorrido em seu auxílio. Zacarias vê nesse milagre o dedo de Jeová castigando o rei blasfemo, enquanto Abigail, erguendo a corôa do lugar em que caira, exclama que a glória de Babilônia ainda não se extinguiu.

A primeira cena do terceiro ato passa-se na sala do trono. Abigail foi proclamada regente com o apoio dos sacerdotes que pedem a morte dos hebreus cativos, entre os quais

se encontra Fenena. Nabucodonozor, conduzido por um dos seus fiéis vassalos, vem à presença de Abigail. Por um momento enfurece-se ao ver alguém sentado em seu trono; inteira-se depois de que Abigail está prestes a assinar a sentença de morte para os hebreus. Sabendo que com êles morrerá sua filha, o rei assume atitude de súplica e de desespêro ("Perdona ad un padre che delira!), sem contudo demover Abigail de sua funesta resolução. Transfere-se a cena para as margens do Eufrates, onde os hebreus, em trabalhos forçados, dão largas ao seu pensamento, suspirando pela liberdade ("Va, pensiero, sull'ali dorate..."). Zacarias recrimina seus compatriotas pelos sentimentos desanimadores e procura entusiasmá-los novamente para a vida e para a resistência, profetizando a queda iminente de Babilônia e a restauração de Jerusalém. Circunstâncias especiais — como veremos em breve — fizeram com que Verdi tornasse esta cena final do terceiro ato o ponto culminante de sua ópera. O côro dos hebreus cativos e o discurso de Zacarias são, de fato, das melhores cousas brotadas de sua inspiração.

No último ato, Nabucodonozor, despertando de terrível pesadelo, ouve a multidão enfurecida pedir a morte de Feneca. Tenta sair para salvá-la, mas verifica que está prisioneiro . Ajoelha-se e ora a Jeová pedindo perdão pelos seus pecados ("Dio degli Ebrei, perdono!"). Muda-se a cena para o local da execução. Chega Fenena acompanhada dos demais hebreus condenados à morte; ajoelha-se diante do sumo-sacerdote e profere uma oração, preparando-se para morrer ("Oh dischiuso è il firmamento!"). A chegada inesperada de Nabucodonozor suspende o sacrifício. O ídolo é derrubado como por um milagre e todos caem de joelhos em adoração a Jeová. Nabucodonozor liberta os hebreus e diz ao povo que Abigail, torturada de remorsos, envenenara-se.

Desenrola-se dessa maneira o medíocre drama de Solera, insubsistente e inconseqüente, salvo hoje, conforme já o lembramos, apenas graças à música de Verdi.

Nabucco foi a terceira ópera de Verdi. Pràticamente podemos considerá-la a primeira, pois as duas outras que a precederam (**Oberto** e **Un giorno di regno**) redundaram num tal fracasso que o compositor preferiu ignorá-las pelo resto de sua longa vida. Principalmente **Un giorno di regno**, ópera cômica, escrita num dos momentos mais dolorosos da vida de seu autor. Demos a palavra ao próprio Verdi: "Aí começaram os meus grandes infortúnios. No princípio de abril (1840) adoeceu o meu filhinho; os médicos não puderam descobrir a causa do mal e a pobre criança morreu nos braços da mãe desolada. Como se isto não bastasse, daí a dias a menina adoeceu por sua vez e também morreu. E como se

ainda fôsse pouco, minha pobre espôsa foi acometida de violenta inflamação cerebral e, a 3 de junho, um terceiro caixão saía de minha casa! Fiquei só, só, só! Em dois meses apenas, os meus três entes queridos tinham-me deixado para sempre. Minha família estava exterminada!" E era em meio a essas terríveis aflições que tinha de escrever uma ópera cômica, para atender às exigências de seu empresário! O assunto dizia respeito às tratantagens dum pândego polonês que se fêz coroar rei com o nome de Estanislau I e nessa condição de falso monarca governou apenas por um dia. Daí o título da ópera: Um dia de reinado ou O falso Estanislau.

Com a alma torturada pelas desventuras domésticas, desgostoso com o insucesso de seu trabalho, convenceu-se Verdi de que era inùtil esperar consolação da arte e decidiu não mais compor. Em anos subseqüentes, Verdi mais de uma vez sentiu, nesta ou naquela estréia, que o auditório não estava inteiramente com êle, mas nenhum dêstes contratempos o magoou tanto como o de Un giorno di regno. A fria recepção da obra o feriu mais profundamente porque parecia uma falta de simpatia para com o autor em dias de terrível infortúnio. Seja como fôr, a lembrança dêste acabrunhou-o durante muitos anos.

A resolução de Verdi de não continuar a compor foi quebrada, em parte, pelo empresário Merelli que, um dia, lhe meteu na algibeira do casaco o drama de Solera sôbre o assunto de Nabucodonozor e o cativeiro de Babilônia, a cuja leitura não pôde resistir; tanto o assunto o impressionou que, depois de outro esfôrço para manter a sua decisão, acabou sucumbindo às solicitações do empresário. Outra versão diz que tendo Merelli visitado o compositor e com êle discutido violentamente, retirou-se enfurecido, jogando sôbre a mesa o libretto de Solera que teria caído aberto — curiosa coincidência! — precisamente na página em que os hebreus cativos suspiram pela liberdade, dirigindo seus pensamentos para a pátria ocupada pelo inimigo: "Va, pensiero, sull'ali dorate...". A letra e a situação apoderam-se logo da imaginação do maestro e impeliram-no a ler a peça inteira. Naquela natureza aparentemente fria, calma, imperturbável, despertou o patriota. A situação dos italianos do norte da Itália, então ocupado pelos austríacos, pareceu-lhe igual à dos hebreus escravisados por Nabucodonozor... A cada uma das cenas do drama de Solera, Verdi encontrava correspondência ou semelhança na situação de sua pátria dominada pelo conquistador estrangeiro... Atirou-se à composição da ópera com aquêle mesmo espírito que o levou, posteriormente, a unir-se a Mazzini e a Manzoni nas campanhas pela libertação da Itália.

Aos 9 de março de 1842 foi a ópera representada no famoso

Scala de Milão. Coroou-a imenso sucesso, que reintegrou o compositor no gênero musical de que jamais se afastaria. Conforme Verdi esperava, o auditório soube perceber as intenções patrióticas da obra e o famoso côro do terceiro ato foi adotado pelos estudantes da Itália setentrional como canto patriótico e não houve quem deixasse de ver na ópera uma alusão clara à situação da Itália dominada pelos austríacos. Conta-se que, estreiada a ópera, apareceram pela cidade de Milão caricaturas de Francisco José em trajes iguais aos de Nabucodonozor na ópera...

E' natural que êste patriotismo tão bem expresso (e melhor ainda percebido) em **Nabuco** tenha custado a Verdi inúmeros dissabores. Daí por diante foram numerosos os incidentes que teve com a censura e com a polícia austríacas, que descobriam intenções políticas em tôdas as suas obras. E' certo que em muitas delas havia mesmo. Ou quando não havia, os cantores encontravam-nas de qualquer maneira e descobriam sempre um jeito de adaptar as situações ideais, imaginárias representadas na ópera à situação real da Itália ocupada. Foi assim, por exemplo, com **Ernani**. Num dos coros desta ópera (cuja ação se passa na Espanha) há uma referência ao "Leão de Castela". Pois bem: os cantores costumavam trocar "Castela" por "Caprera" e "Iberia" por "Itália", da mesma forma que, em vez de "Honra e glória a Carlos Magno", cantavam "Honra e glória a Carlos Alberto"... Assim, também, em **Joana d'Arc**, donde foram suprimidas tôdas as referências à "Pátria" e "Liberdade"... Igualmente em **A batalha de Legnano**, inspirada nas proezas da Liga Lombarda contra Frederico Barbaruiva, da qual foi proibido um côro que cantava "Devemos expulsar os tiranos para além dos Alpes"... Em **Atila**, quando Ezio, dirigindo-se ao bárbaro ,exclama: "Tu terás o universo, fique a Itália para nós", qualquer italiano poderia repetir-lhe a frase como se se dirigisse ao imperador da Ástria... Até **Macbeth** provocou demonstrações patrióticas quando, no segundo ato, o côro cantava "A Pátria traída, chama-nos com lágrimas".

Verdi não tinha inclinações políticas. Apaixonou-se, contudo, pelo ideal de libertação de sua pátria e em 1848, a pedido de Mazzini, musicou um poema patriótico que começava com estas palavras: "Fazei soar a trombeta e tremular a bandeira amarela e negra". Mandou-o ao libertador com estas palavras: "Oxalá êste hino seja em breve cantado, ao som do canhão, sôbre a planície da Lombardia".

"Havia em sua música vigorosa — diz Ernest Newman em a nota biográfica com que precede a análise das suas óperas — qualquer cousa que os italianos, então sob o jugo estrangeiro, sentiam ser a ex-

pressão de seu estado de alma. A musica é a única forma do pensamento humano contra a qual nada pode o sensor mais rigoroso; os censores austríacos que poderiam eliminar ou aprisionar poetas, políticos e jornalistas, não tinham ação sôbre uma melodia de que o povo gostava e cantava nas ruas com a convicção íntima de que ela traduzia a sua ânsia de liberdade."(2)

Voltemos ao "Va pensiero sull'ali dorate...". No dramalhão de Solera, de que é (insistimos) o único ponto nobre e elevado, serviu para exprimir os sentimentos e os anseios de liberdade dum povo subjugado, mas cujo pensamento era bastante livre para concentrar-se naquilo que lhe era mais precioso. A êste respeito, os versos de Solera têem o mesmo espírito e o mesmo caráter das palavras do salmista. Compare-se o "Nos salgueiros que há no meio dela penduramos as nossas harpas" do salmo 137 com êstes versos do libreto da ópera:

"Harpa d'or dei fatidici vati,
Perchè muta dal salice pendi?"

O sentimento de Verdi, inflamado pelas circunstâncias cívico-patrióticas a que já nos referimos, foi muito mais forte e, portanto, mais poderoso do que os versos do poeta. Deu-lhes uma expressão que as mais ricas palavras seriam incapazes de fazer sentir. Mais ainda: deslocou o sentido do belo côro do plano coletivo para o individual, tornando-o a mais lídima manifestação dos anseios não apenas de liberdade, mas também da saudade que tanto pode ser da pátria como de alguém que de perto fale ao coração. E quantos, ao longo de suas existências, não têm sentido necessidade de fazer seus pensamentos voarem nas asas douradas da imaginação ao encontro da pátria distante (como no caso dos hebreus cativos) ou de algum ente querido sempre em ansiosa espera? Para êsses, o famoso côro tem um sentido diferente, especial, que êles e só êles serão capazes de compreender...

★ ★ ★

(2) A ópera *Nabuco* foi gravada integralmente sob a direção de Fernando Previtali, com o côro e a orquestra da Rádio de Italiana e tendo como intérprete principais Paolo Silveri (Nabucodonozor), Mario Binci (Ismael), Antonio Cassinelli (Zacarias), Caterina Mancini (Abigail), Gabriella Gatti (Fenena) e Albino Gaggi (o sacerdote de Baal). Gravações avulsas do côro dos hebreus cativos, existem numerosas, convindo citar pelo menos duas: a do côro do *Scala* de Milão, sob a direção de Tulio Serafim num disco-antologia intitulado "Córos famosos de óperas de Verdi" e a do côro da Ópera de Stuttgart (em alemão), dirigida por Ferdinand Leitner.

Oh! Como é Boa a Vida

(Sermão do Dr. Norman Vincent Peale —tradução autorizada para "Únitas").

Texto: João 11:25,26
I Coríntios 2:9

Que dia emocionante que é a Páscoa! Agita o coração, aviva a mente, faz-nos o sangue correr mais depressa. Qual é a fonte de tão extraordinário excitamento? Será por ser um grande dia de festa? Será que é porque então começa a primavera? Será a louçania das inumeráveis flores? Ou será por causa das comemorações pomposas da Páscoa?

Sê-lo-á em parte; porque a excitação dêste dia provém de uma fonte mais profunda, é a expressão do maior fato conhecido do homem, a saber: que existe neste universo um princípio básico de ressurreição. Não é de admirar que estejamos excitados, porquanto estamos repetindo a nós mesmos a quase incrível verdade de que existe um poder pelo qual vencemos todo mêdo, tôda forma de derrota e até mesmo a última grande experiência da vida mortal — a própria morte.

Pudesse eu escolher uma sentença para exprimir essa tremenda verdade, tal sentença seria: "Eu sou a ressurreição e a vida, aquêle que crê em mim, ainda que esteja morto, viverás: e quem crer em mim jamais morrerá." Reconheço ser isto uma formidável presunção e igualmente uma formidável asserção. Descobre-se uma cousa no cristianismo e é que êle se serve de superlativos. A Bíblia promete as cousas mais espantosas e faz valer cada promessa. Não raro estende-se em palavras descritivas, tão grandes são as maravilhas de que trata. E diz finalmente: "Os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, nem penetrou o coração do homem (isto é, a sua imaginação) as cousas que Deus tem preparado para aquêles que o amam."

É comum presumirmos que o vocábulo "ressurreição" relaciona-se com a vida após a morte, na eterni-

dade. Não se vê na Bíblia tal separação de tempos: já estamos na eternidade, desde agora. Há em nós um fluxo constante de vida imortal. Realmente, a Bíblia não reconhece a morte como uma possibilidade, exceto a morte da alma. Portanto, o termo "ressurreição" significa que um homem, morto enquanto vive, pode ressurgir. Todos sabem, tão bem como eu, que muitos mortos insepultos caminham pelo mundo fora, hoje em dia.

Que quer dizer "estar vivo"? Diz o filósifo Lotze que estar vivo *significa estar em relação: isto quer dizer que estamos vivos na proporção da quantidade de fatores que interferem conosco na vida humana. Uma pessoa que tem contacto com a vida em uma centena de pontos, está duas vêzes mais viva que a pessoa que tem a pessoa mahtramthartharthartharthmm contacto sòmente em cinqüenta pontos. Quando perdemos o entusiasmo; quando já não nos maravilhamos com cousa alguma; quando perdemos a faculdade de nos comovermos fundamente; quando já nada nos faz chorar; quando não nos emocionamos com o bom, o magnificente; quando não mais temos sonhos e não mais temos visões; quando a vida se nos torna insípida, inativa, inerte... então podemos ter apenas vinte anos de idade e estarmos em boa saúde física, alguma cousa em nós está morta. Faz-se necessária a ressurreição.*

Há um escrito que tem sido muito citado. É uma das mais belas passagens que já tenho lido. Trata-se de uma alocução feita por um dos maiores mestres autais da língua inglêsa, o General Douglas MacArthur. Citemo-la:

JUVENTUDE É UM ESTADO DA MENTE

"A juventude não é um tempo da vida — é um estado da mente. Não é uma questão de faces e lábios rubicundos e pernas ágeis; é a têmpera da vontade, é uma qualidade da imaginação, o vigor das emoções! É a frescura das fontes profundas da vida. É a predominância da coragem sôbre a timidez, do apetite da aventura sôbre o amor da comodidade.

"Ninguém envelhece simplesmente por ter vivido muitos anos: fica-se velho quando se desertam os ideais da existência. Os anos produzem rugas nas faces, mas a perda do entusiasmo forma rugas na alma. Aflições, dúvidas, desconfianças, mêdos e desesperanças — tais são os longos anos que curvam e abatem o espírito até o pó da terra.

"Tenha alguém setenta anos, ou apenas dezesseis, há em todos os corações o amor da maravilha, a doce estupefação das estrêlas e das cousas e pensamentos brilhantes como os astros, o infalível apetite infantil das surprêsas, a alegria do jôgo da vida.

"Meu amigo, tu és tão moço como a tua fé, tão velho quanto a tua dúvida; tão moço como a tua confian-

ça própria, tão velho como o teu mêdo; tão jovem como a tua esperança, tão velho como o teu desespêro.

"No centro de teu coração existe uma estação de rádio: enquanto ela recebe mensagens de beleza, de esperança, de regozijo, de coragem, de grandeza e de poder, és jovem.

"Quando os fios se desligam e o centro de teu coração se cobre com as neves do pessimismo e o gêlo do cinismo, então é que envelheceste, de fato."

E permita que eu acrescente: estás morto em tua alma. O homem jamais se destinou a morrer: êle foi feito para viver. A grande cousa que o cristianismo oferece é vida, vitalidade, admiração, entusiasmo, poder. A ressurreição dos mortos realiza-se todos os dias. Eu vi Jesus Cristo trazer os mortos à vida. "Êle fala, e, ouvindo-se sua voz, nova vida os mortos recebem." Eu vi isto com meus próprios olhos. Enche-me de entusiasmo sem limites a habilidade de Jesus em fazer ressurgir os mortos. Eu me sinto, às vêzes, morrer interiormente. A vida torna-se difícil, torna-se fastidiosa. Sinto uma forte pressão. É alguém que morre internamente. Mas não deve morrer: porque Êle aqui está para ressuscitá-lo.

Se não tens o gôsto, a emoção, a veemência, o poder indomável da vida que tinhas outrora, entrega-te ao toque re-criador de Jesus e deixa que êle te devolva estas boas cousas, como Êle tem o poder de o fazer.

Há uma segunda cousa que eu gostaria de dizer a respeito dêste princípio vital de re-criação; e é em referência à nossa Pátria. Pode uma nação morrer? Estão os Estados Unidos da América morrendo, após seus cento e cinqüenta anos de vida? Envelheceram? Têm dentro de si as sementes da morte? Podem ressurgir?

Qualquer nação pode morrer. Roma morreu. Atenas morreu. Morreu o Egito, morreu Cartago. Em muitos Estados modernos evidencia-se o processo da morte. Seria mais difícil morrer a América, porque a América se construiu sôbre o princípio de vida de imortalidade. É o princípio básico subjacente na Constituição dos Estados Unidos. É a primeira vez na história do mundo que um grande poder repousou numa doutrina teológica. A doutrina da imortalidade ensina-nos que o homem vem do Céu, seu lar, coberto de nuvens de glória; que, quando chega o seu fim mortal, êle regressa a Deus, alma imortal que é. E porque é imortal, é sagrado. É pois impossível transformá-lo em escravo, porque êle é um deus, êle é um rei. Participa da natureza do próprio Deus.

Sôbre tal doutrina, pela primeira vez na história, fundou-se uma nação, quando os Estados Unidos começaram a existir. E esta nação viverá enquanto a doutrina da imortalidade da alma fôr com firmeza sustentada. As pessoas que crêem na imortalidade jamais se tornarão escravas de outra pessoa ou de grupo

de homens, por isso que possuem uma dignidade que faz isso impossível. O homem, que tem dentro dêle a dignidade da imortalidade, não pode ser governado por nenhuma fôrça mortal.

De quando em quando surge em nosso meio um oportunista para nos dar a impressão de que é alguém. É divertido ver como êsses medíocres adquiriram a idéia de que tôda a grandeza humana nêles se derramou. Tomemos Hitler, para exemplo; êle dissera que seu império duraria um século. Durou uma década. Onde está êle hoje? Ignoramos. Foi alguma cousa em seu tempo: teve pelo menos considerável valor incomodativo. É assim que êles se vão. Tôda vez que virmos alguém se tornar muito grande, não nos incomodemos: êle não persistirá. Não pode durar.

Shelley, poeta-filósofo, é autor de uma poesia minha favorita. Expressa o fim do orgulho humano. Intitula-se "Ozymandias".

"Contou-me um viajante de uma terra longínqua: Erguem-se no deserto duas grandes pernas, desprovidas do tronco. Perto delas, na areia, quase sepulto, vê-se um rosto: o olhar carrancudo, lábios enrugados no sarcasmo de quem comanda friamente, tudo revela que o seu escultor leu bem as paixões que ainda sobrevivem estampadas naqueles traços sem vida. No pedestal estas palavras: "Meu nome é Ozymandias, rei dos reis. Contempla, ó Todo Poderoso, e desespera!" Nada mais resta. Sem limites e núas, as areias iguais e solitárias se estendem na amplidão, ao redor da triste ruína."

Quem já ouviu falar em Ozymandias? Mas todos já ouviram falar daquele de quem cantamos:

"Té onde o sol com resplendor
Brilhar, Jesus será Senhor."

Porque é que o povo canta assim a respeito de Jesus e não a respeito de Ozymandias? Porque Ozymandias destruiu personalidades humanas e Jesus fê-las livres.

Creio ser essa razão por que a República Americana se tornou a maior nação que já se levantou na história do mundo; porque é formada de homens que caminham entre as estrêlas. Construiu-se sôbre o princípio de que pessoas comuns podem tornar-se extraordinárias. Todavia, a América pode morrer, assim como a alma pode morrer.

Como salvar-se? Prego sôbre êsse assunto na Páscoa porque eu creio que êste é o dia apropriado para o fazer. Li num jornal um artigo muito interessante a respeito do Partenon, o glorioso monumento construído sôbre a colina grega chamada Acrópole, com alvos pilares, onde se reflete o azul do céu. Trata-se de um dos mais excelentes edifícios que mãos humanas nunca erigiram.

Permaneceu durante vinte e quatro séculos, tão forte e formoso como quando foi construído, salvo pequenas avarias causadas por uma explosão no século dezesseis. Entretanto, nos últimos anos começou o Partenon a mostrar sinais de decadência.

O mármore está-se tornando áspero e quebradiço, dir-se-ia atacado de estranha moléstia. Cientistas, investigando a causa dessa decadência, afirmaram que, a menos seja amparado a tempo, todos os traços dêsse edifício desaparecerão nestes próximos duzentos anos. Qual é a causa? "O sôpro corrosivo da Atenas do século vinte." Emanações de bióxido de enxofre corrompem o ar. Surgem no mármore manchas negras e pardas. Os pontos negros são o acúmulo de poeira da atmosfera atual. A camada de pó absorve e retém a água a qual, em combinação com gases ácidos, apodrece a pedra. A água, o pó e os ácidos estão destruindo o Partenon. Como se há de salvá-lo? Os cientistas recomendam um banho de água pura uma vez por ano. E então o Partenon continuaria a ostentar-se através dos séculos.

Há corrupção no edifício americano; o hálito corrosivo da América do século vinte está roendo a nossa construção social. A cura? Um banho, um banho do espírito de Jesus Cristo; um renascimento espiritual para trazer a ressurreição à nossa terra. Jesus outorga vida tanto à sociedade como ao indivíduo.

O assunto que eu, finalisando, quero sugerir prende-se ao delicado reino do Além, à ressurreição de nossos mortos queridos. Se eu sentisse ser necessário, tentaria provar que não há morte; faz muito tempo, contudo, que eu desisti dêsse intento. Não temos necessidade de provar tal cousa, a menos que fôsse para satisfazer a nossa natureza inquiridora. De quando em quando algum cientista nos diz que quando morremos, mortos estamos e isto é o fim. E o diz com o ar de quem absorveu tôda a sabedoria humana. Como é que êle o sabe? Quem lho contou? A respeito dêsse assunto êle sabe tanto como nós. Pois o certo é que os cientistas hodiernos aproximam-se da crença de que as velhas declarações da Bíblia a respeito da imortalidade da alma podem ser verificadas por meio dos processos de intuição, clarividência, e vários outros métodos científicos. Homens honrados têm envidenciado a sua crença científica nessas cousas.

Eu, pregador da religião cristã, levanto-me aqui para dizer-vos que não tenho dúvida nenhuma da continuação da vida depois que ocorre o que chamamos "morte". Pessoalmente, estou absolutamente certo disso. Certo estou de que os nossos queridos, que nos precederam, vivem numa área de vida muito maior do que imaginamos, e, na verdade, êles podem estar muito perto de nós. Que é a vida após-túmulo? Penso que a concepção mais satisfatória é a de que ela é uma freqüência diferente. Por isso é que de vez em quando parecemos ouvir, como disse Robert Ingersoll, "Na noite da morte a Esperança vê uma estrêla e o Amor atento pode ouvir o sussurro de uma asa." Tais experiências místicas, produzem-se porque o Além, em sua proximidade de nós, entrelaça-se por vêzes com a nossa vida presente.

Entre as muitas razões para a minha fé, eu o creio porque leio isso na Bíblia. A Bíblia não assevera alguma cousa que não seja exata. Tenho lido a Bíblia com muita freqüência. Ela ainda não me falhou. Não a entendo de modo completo, mas ela é perfeitamente digna de confiança ou, por outra, não se teria aguentado depois de dois mil anos, enquanto todos os outros livros dissiparam-se. O filósofo francês, Henri Bergson, diz que descobrimos a verdade pela percepção, pela intuição. Nós raciocinamos até um certo ponto, após o que damos um salto pela intuição e agarramos a verdade num indício instantâneo.

Quando minha mãe morreu, fìsicamente eu senti muita falta dela; contudo, dentro em pouco, não lhe senti mais a falta, porque descobri que ela está comigo. Ela gostava muito de conversar e era muito significativo que ela tinha sempre alguma cousa de útil a dizer. Era-lhe incômodo permanecer sentada durante uma assembléia solene, porque algo sempre lhe parecia algum tanto ridículo. Dava-me sempre idéias novas e criadoras. E continua a fazê-lo. Era-me maravilhosamente agradável estar em sua companhia, porque ela era uma personalidade fascinante. Eu costumava ir para casa, em Ohio, ocasionalmente e era comum arranjar de modo a estar lá para o almôço, porque essa era uma refeição em que minha mãe acreditava. Pertencia à velha escola dos americanos que insistem em que o almôço foi feito para os homens. À mesa, no almôço, estas reuniões eram esplêndidas.

Sepultámos seu corpo físico num cemitério de aldeia, no sul de Ohio. Como o meu coração pesava nesse dia! Era pelo verão e, chegado o outono, eu quis estar com minha mãe outra vez. Viajei de trem a noite inteira pensando sempre que as cousas jamais poderiam ser como o eram antes. Cheguei à aldeia num dia de outono, frio e enevoado, e caminhei para o cemitério. As fôlhas tombadas ressoavam às minhas pisadas. Sentei-me ao lado de sua campa, muito solitário, sentindo-me diminuído e triste.

Eis que, de súbito, abrem-se as nuvens, rompe o sol e surgem coloridas as colinas de Ohio, onde eu cresci, e onde minha mãe brincava em criança. Sentado ali, "pereceu-me" ouvir a sua voz. Era como se ela dissesse: "Porque procuras entre os mortos, aquela que está viva? Eu não estou aqui. Pensas tu então que eu podia estar encerrada neste lugar escuro e lúgubre?" Senti-me sùbitamente feliz, e conheci a verdade — ela estava viva! Eu podia ter gritado, tão feliz eu estava! Levantei-me, posei a mão na pedra do túmulo, e o encarei no que êle realmente é — tão sòmente um lugar onde jazem os restos mortais de um corpo que era querido, mas que foi posto de lado como um paletó de que não mais se necessita. Ausentei-me dêsse lugar e desde então lá voltei apenas uma vez.

Sim, existe um fator misterioso no universo. Estamos num universo dinâmico pleno de mistério e beleza.

Tenho estado lendo o livro maravilhoso, "Um homem chamado Pedro", por Catarina Marshall, espôsa de Pedro Marshall, falecido capelão do Senado dos Estados Unidos, um dos maiores pregadores que êste país já produziu. Faleceu na idade de 46 anos porque apanhou tudo quanto tinha e o verteu na construção do Reino de Deus. Consumiu-se, morrendo de um colápso cardíaco que o assaltou no meio da noite. Conduzido para o hospital, sua espôsa mal pensava que ela não mais o veria com vida. Ela orou para que êle fôsse poupado.

Enquanto orava, diz ela, sentiu-se envolvida pela mais ilimitada expressão do amor de Deus. Encheu-se de uma paz indescritível. Julgou que isso quisesse significar que seu marido viveria; no entanto, às 8 horas da manhã, trouxeram-lhe a notícia de seu falecimento. Ao penetrar no quarto do hospital onde o corpo jazia, ela "viu" duas luminosas presenças. Ela escreve que não as viu com seus olhos físicos, mas com os seus olhos espirituais. Duas afetuosas prcsenças, seu marido e Jesus. Pcrmaneceram com ela por algum tcmpo: foi esta, diz cla, a mais intcnsa expcriência de sua vida. Dcpois quc os amigos c familiarcs se retiraram, a glória ainda continuou.

É desta maneira verdade o quc Jesus nos ensinou com os seus aparecimentos e reaparições. É como se estivesse dizendo: "Quando não me vês, não quer isso dizer que eu não esteja presente." Aquêles que morrem no Senhor vivem com Êle e de semelhante modo vivem conosco tal como Êle vive junto de nós. Tem o espírito humano experiências místicas que provam essa verdade. O universo está cheio de fôrças dinâmicas, místicas, eletrônicas, atômicas, cuja compreensão nunca tivemos antes.

O cristianismo é alguma cousa viva. Poosue um poder tremendo. É um princípio de vida imortal. É a ressurreição da vida sôbre tôda derrota. Sôbre a própria morte. Oh! como a vida é boa!

PRECE: — Pai celeste, somos-te gratos por esta grande verdade, tão vasta que o conhecimento humano se apavora em sua presença. Esforçámo-nos por versá-la, mas as nossas palavras, tão pobres, tão mesquinhas, mostraram-se insuficientes. Eis porque te pedimos que, com a grande palavra do Dcus Todo-Poderoso, a expliques de modo que cada pessoa possa ter não sòmcnte uma experiência da ressurreição dentro de si mesma, agora, mas tenha um ardente confôrto em scu coração, uma intensa e profunda fé na bondade da vida, na grandeza c na bondade dc Deus. Mediante Jesus Cristo, nosso Scnhor. Amém.

(Trad. de *O. A.*)

★ ★ ★

Vida Espiritual

EXCELÊNCIAS DA FÉ

Samuel Figueira

Num ensaio irônicamente intitulado "Excelências da fé" publicado recentemente nesse órgão, Pinto de Carvalho, nome dos mais festejados no mundo literário e científico da Bahia, aprecia o fenômeno da crença numa preleção que declara guerra entre ciência e fé, como adversários naturais e irreconciliáveis. Quanto mais intensa a fé, tanto mais cega, enquanto a ciência, à medida que avança, mais positiva.

Equacionando o problema dêste modo, é justo despertar no espírito desprevenido verdadeira aversão intelectual à fé, o que não me parece razoável, pois a ciência deve boa parte do seu progresso à fé, não só como "veículo de quase todos os conhecimentos humanos" (Leonel Franca), mas também como fator na elaboração dos dados científicos.

Preliminarmente considero elemento básico da fé a confiança intelectual.

Suponhamos que o ensino da geografia, da astronomia, da biologia, etc., se fizesse nas escolas pelo método de observação; seria um problema insolúvel a iniciação daquelas matérias. Segundo o método da fé, simplifica-se consideràvelmente o ensino e a divulgação, pelo crédito de confiança que merecem os autores quando estabelecem distâncias entre astros, falam do polo ou das ilhas mais longínquas do Pacífico, referem a profundidade dos oceanos ou a temperatura da lua nas diversas horas do dia.

E que dizermos da História da Civilização? Seria abolido o estudo desta disciplina pela impossibi-

lidade de lecioná-la por outro método que não o da confiança no testemunho dos escritores. Até aí temos a fé como "veículo" dos conhecimentos humanos.

Suponhamos porém que o espírito científico resolva filtrar tôda e qualquer contribuição da fé. O que não estiver demonstrado não será admitido. Esbarraríamos em obstáculos intransponíveis. Começaríamos pela origem do mundo que a ciência até hoje considera por hipóteses. Passaríamos à origem da vida, que várias teorias pretendem explicar. Fugindo para a Psicologia, teríamos de demonstrar logo no pórtico o que é a consciência psicológica, "enígma dos enígmas" do Prof. Henrique Geenen. Enfim, como disse a poetisa francesa "chassez le mistére, il revient au galop".

Há casos porém, em que a fé é invocada por aquêles que se esforçam para extinguí-la.

Afirma-se nos arraiais evolucionistas ,a nossa descendência dos primatas. Os adeptos dessa engenhosa teoria "crêem"-na piamente embora não vejam os degraus que deveriam separar o primata mais avançado do homem mais atrasado.

Cobrem êsse abismo com a fé: "desapareceram as espécies intermediárias, — afirmam, — não foram achados os fósseis respectivos, mas serão um dia". Ralph Linton afirma que a ninguém assiste o direito de pôr em dúvida a nossa ascendência simiesca, embora reconheça ser "decepcionante" (sic) o fato de haver tão poucas provas fósseis desta ascendência" — pág. 24 da Introd. à "Antropologia". À pág. 35 diz textualmente: "Quem quer que escreva sôbre a origem do homem deve usar liberalmente dos "provàvelmente" e "talvez". Mais forte ainda é o seguinte trecho: "Há na documentação grandes lacunas, algumas das quais talvez nunca sejam preenchidas" (o negrito é nosso).

Agora perguntamos: Não é fé isto? — E "de carvoeiro". Negar o direito de se pôr em dúvida uma teoria na qual existem "grandes lacunas, que talvez nunca venham a ser preenchidas".

Aliás o prof. Pinto de Carvalho diz muito bem: "só acredito no que sei", em outras palavras, só tem fé na ciência, mesmo com "lacunas impreenchíveis". Aí está uma profissão de fé.

Aliás a evolução dos conhecimentos humanos mostra à saciedade, que nem sempre a ciência merece fé. Mas não poderá dispensá-la nunca.

Matéria não demonstrada é admitida quando no domínio das ciências, admite-se o mesmo critério no domínio do sobrenatural? — O prof. Pinto de Carvalho acha que não, pois "só acredita no que sabe", só tem fé na ciência.

A Bíblia Sagrada, desejo apenas lembrar, é a "biblioteca" que sem ter finalidade nem pretensão científica, nos fala da redondeza da

terra, e nos dá a descrição cosmogônica que tem surpreendido sábios pela harmonia encontrada com os dados da Geologia. (Teillard e outros).

Êste livro que fala à alma de sábios e ignorantes, como afirma Gustavo Martins. Livro que é uma bússola para aquêles que nêle crêem; que proclama na alta sabedoria de Paulo de Tarso: "as coisas que se vêem são passageiras e as invisíveis são eternas". Êste livro merecerá fé? — Jesus disse à mulher samaritana: — "Se tu conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede de beber, tu lhe pedirias e êle te daria água viva... Aquêle que beber da água que eu lhe der, nunca jamais terá sêde..."

O Evangelho é esta "linfa generosa" que satisfaz a alma perenemente. Mas a incredulidade argumenta como aquela mulher, interrogando a eJsus: "Porventura és tu maior do que nosso pai Jacó?"

O preconceito irreligioso, formado na juventude ao calor dos impulsos da idade e alimentado com cultura e experiência exclusivista, forma um clima impróprio, irrespirável à fé. Assim como em polo oposto, podem-se formar cérebros que não atingem nunca a maturidade mental, capazes de raciocinar, apenas, pela bitola de uma crêndice absurda e admitirem pacìficamente todos os disparates impostos em nome da fé, também se formam mentalidades que repelem qualquer raciocínio alheio à forma do materialismo.

São vícios de formação que levaram o peixe da fábula a sentenciar: — "Só acredito haver vida dentro d'água".

Carrel, num ensaio ligeiro sôbre a Oração afirma que é tão perigosa a atrofia do senso do sagrado em nossa civilização quanto o seria a atrofia mental ou das qualidades físicas.

Um homem que só tem fé na ciência declara: "Só creio no que sei" enquanto outros cuja fé ultrapassa o campo da ciência, sejam "carvoeiros" como eu, sejam cientistas como Newton, Lord Kelvin, Lecomte de Nouy e outros, repetirão a frase de Paulo de Tarso, trocadilho perfeito àquela sentença de Pinto de Carvalho: "Eu sei em quem tenho crido..."

Se a ciência aponta uma Causa Inteligente para o Universo, a fé nos aproxima dêste Ser, guiada pela revelação que está na Escritura Sagrada, mapa glorioso onde o crente, com a razão iluminada, encontra o itinerário que deve seguir em meio às peripécias da vida presente, rumo ao futuro que deixa de ser uma sombria interrogação para se tornar o alvo luminoso da jornada terrestre.

O apóstolo Paulo diz: "Tenho certeza que as aflições do tempo presente não tem termo de comparação com a glória que em nós (crentes) há de ser revelada".

Recapitulando e concluindo: Se a ciência invoca o auxílio da fé para o seu desenvolvimento e ninguém lh'a nega, não será injustiça recusar fé à fé?

Em suma: o prof. Pinto de Carvalho que "só crê no que sabe", isto é, no que pode ser demonstrado, não tardará a demonstrar ao público o "absurdo da fé" atendendo à instância do Padre Sales Brasil.

MÁRIO BARRETO FRANÇA
E
ALCEU MAYNARD ARAÚJO

—//—

Êstes nossos dois ilustres colaboradores acabam de ser recebidos em associações culturais como membros permanentes.

Mário Barreto França, o grande poeta evangélico, personalidade dinâmica de major do nosso Exército, professor e advogado, foi recebido na Academia Fluminense de Letras. Mário Barreto França já publicou cinco livros de poesias e tem prontos mais dois. Sua obra poética é tôda dedicada à proclamação das verdades do Evangelho. Sua contribuição para a causa Evangélica tem sido notável.

Alceu Maynard Araújo, um dos maiores especialistas brasileiros em folclore, professor e sociólogo, autor de várias obras na sua especialidade, tendo conquistado prêmios em concursos sôbre folclore, um autêntico pesquisador, foi agora recebido como sócio do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, na vaga de Basílio de Magalhães. Os estudos e as aulas do prof. Alceu Maynard têm constituído excelente contribuição para o conhecimento da alma brasileira.

ÚNITAS registra êsses dois importantes acontecimentos como honra ao mérito dêsses dois colaboradores, como também para destacar o valor cultural de Mário Barreto França e Alceu Maynard Araújo. Como fiéis evangélicos, estão êles dando excelente amostra do papel que pode o movimento evangélico desempenhar dentro da cultura brasileira.

Parabéns de ÚNITAS a êsses dois ilustres evangélicos.

TUA GRAÇA

MÁRIO BARRETO FRANÇA

Eu não sei, ninguém sabe,
A que espécie de espinho, certo dia,
Paulo, em preces, a Deus se referia,
Rogando que do mesmo o libertasse;
O que sei, entretanto,
E' que Deus o atendeu de uma outra forma,
(Não lhe enxugando as lágrimas da face,
Nem lhe extinguindo a causa do seu pranto);
Mas lhe traçando a norma
De conduta, na vida tão madrasta:
— "Paulo, minha divina fortaleza
Se exalta e aperfeiçoa na fraqueza!
Minha graça te basta!" —

Diante de uma lição tão convincente,
Paulo não insistiu;
Mas, esquecendo a mágoa ou dor pungente,
Como um predestinado prosseguiu
Para o supremo alvo,
Ensinando e vivendo o próprio exemplo
Das virtudes cristãs,
Sentindo a paz beatífica de um salvo,
Deixando para trás as cousas vãs
Pelo exemplo da eterna vocação,
Que é Cristo, nossa Estrêla e nosso Templo,
Nossa Esperança e nossa Salvação.

E' por isso, Senhor, que quando eu penso
No grande Paulo — Apóstolo do bem —
Eu me esqueço do meu pesar imenso
E sinto que de mim a dor se afasta,
Porque, no que me anima e me convém,
Tua graça me basta!

Icaraí, dezembro de 1957.

NAU DA VIDA

MÁRIO BARRETO FRANÇA

Para levar a nau da vida a pôrto amigo,
Senhor, eu já não sei o que resolva ou faça,
Pois o vento da angústia é contínua ameaça
À rota que tracei e, humílimo, prossigo...

Se os escolhos fatais da ingratidão consigo
A custo ultrapassar; se o frio da desgraça
Gela as águas do mar por onde o barco passa,
À luz do céu, transponho as névoas do perigo...

Eu penso desistir, às vêzes, dessa viagem,
Mas quando vou descer as velas da esperança
Tu vens, como um farol, reacender-me a coragem.

Dá-me pois, meu Senhor, em meio aos vendavais,
A fé para vencer a Dor que fere e cansa
E, em teu pôrto, lançar tua âncora da paz.

Icaraí, 1 de janeiro de 1958.

FLAGRANTES DO MUNDO RELIGIOSO

W. J. Goldsmith

O GOVÊRNO ARGENTINO RESCINDIU a ordem peronista que proíbia, "por motivos de segurança", a construção de igrejas não romanas em localidades limítrofes.

INFORMA-SE DE QUITO que um missionário inglês, Dr. Wilfred Tidmarsh, foi bem sucedido em seus contactos iniciais com as tribos de índios aucas que há dois anos massacraram cinco missionários americanos.

A CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA DA COLÔMBIA registra "diminuição de atos de violência e discriminação contra protestantes."

FOI CONSAGRADO EM NOVA IORQUE em 17 de novembro p. passado o terreno (que se estende ao longo de tôda uma quadra) destinado ao edifício de 19 andares do "Interchurch Centre", que deverá ficar pronto em 1960. Abrigará os escritórios do Concílio Nacional das Igrejas de Cristo nos EE.UU., de vários grupos denominacionais (presbiteriano, metodista, batista, etc.) e interdenominacionais, uma capela para cultos diários, e um salão para exposição de manuscritos e outros objetos históricos.

EXCEDERAM A DOIS BILHÕES DE DÓLARES as contribuições de 52 denominações protestantes e ortodoxas nos Estados Unidos, em 1956, o que repreesnta um aumento de quase 200 milhões sôbre 1955. Os quase nove e meio milhões de membros da Igreja Metodista encabeçaram a lista com 413.893.955 dólares, ou seja uma média individual de quase 40 dólares. Em segundo lugar vem a Convenção Batista do Sul, com 372.136.675 dólares.

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL E INTERNACIONAL DE BRUXELAS, que segundo se espera atrairá acima de 30 milhões de visitantes, de 17

de abril próximo a 19 de outubro, o Pavilhão Ecumênico, promovido pela minúscula igreja belga e possibilitado pelas contribuições de cristãos de vários países, demonstrará a obra universal da igreja, terá cultos diários ao meio dia e à tarde e, aos domingos, nas quatro línguas oficiais da Exposição: alemão, francês, inglês e holandês.

CRESCE A TENSÃO entre Estado e Igreja na Alemanha Oriental com referência às cerimônias comunistas de "dedicação da juventude". (As igrejas não admitem à profissão de fé os jovens que se tenham submetido à "dedicação".)

UMA EMISSORA RADIOFÔNICA INTERNACIONAL PROTESTANTE, que seria estabelecida na Suíça, está sendo matéria de estudos e debates na Europa.

A TELEVISÃO RELIGIOSA deverá ser amplamente desenvolvida na Suíça Alemã nos próximos anos.
"A RENDA DA IGREJA Ortodoxa na Rússia deriva-se exclusivamente da venda de velas a 2 rublos cada uma ,o que possibilita a manutenção do patriarcado, dos bispados e dos seminários teológicos, porém não permite a reabertura das igrejas (templos) que continuam em uso pelo govêrno soviético como museus." — Arcebispo Boris de Odessa, em recente visita à Iugoslávia.

UM AVISO MEDINDO 4m,50 x 2m,50, nos terrenos da catedral anglicana da Cidade do Cabo, informou: "Esta catedral está aberta para receber homens e mulheres de tôdas as raças em todos os cultos e a todo tempo." Substituiu um aviso menor ,com os mesmos dizeres, que fôra removido da escadaria da catedral por partidários da política de apartheid do govêrno sul-africano. O novo anúncio foi colocado quinze dias após a entronização do novo arcebispo, Revmo. Joost de Blank.

PROGRIDEM EM MADAGASCAR as conversações visando a união, dentro de dois anos, dos grupos evangélicos que constituem mais de 20 por cento da população da ilha, de 5 milhões.

"O PEQUENO REBANHO", movimento evangelístico espontâneo, abrange possìvelmente de 15 a 20 por cento dos evangélicos na China, constituindo assim o maior grupo naquele país.

INTERESSANTE MOVIMENTO CRISTÃO NO JAPÃO, com cêrca de 50.000 adeptos, distingue-se pela aversão a tudo que é organização, li-

turgia ou formalismo. Parece ter-se originado com o trabalho de um cristão japonês de nome Uchimura Kanzo, falecido em 1930. O movimento atrai particularmente a camada culta, inclusive muitos professôres; prima pela exposição bíblica, e é considerado "um protesto contra o espírito sectário e intolerante das igrejas, que comumente são dogmáticas, formalistas e frias." O Dr. Emil Brunner qualifica seus líderes (um dos quais é Presidente da Universidade de Tóquio) como "a nata do cristianismo japonês."

MAIS DE 6.000 PESSOAS deverão perticipar da Convenção do Concílio Mundial de Educação Cristã e Associação de Escolas Dominicais na Universidade Aoyama Gakuin, em Tóquio, de 6 a 13 de agôsto próximo. "O EVANGELHO DE CRISTO" é o nome do novo mensário da Igreja Unida de Cristo no Japão e que visa principalmente os "interessados". A impressão do primeiro número foi de 10.000 exemplares.

DR. BILLY GRAHAM, que já aceitou um convite para realizar campanha evangelística na Austrália em 1958, está sendo convidado a dirigir outra na Nova Zelândia, no mesmo ano.

26.379.142, o número de exemplares da Bíblia, Novo Testamento e porções bíblicas que circulou em 1956, é superior em quase 1 milhão ao total de 1955 e em 3 milhões ao de 1954.

O PROGRAMA RADIOFÔNICO "HORA LUTERANA", em seu 25.º ano de existência, é irradiado em 53 línguas por 1.250 emissoras.

CONCEITOS

"Chegou o dia do missionário que esteja disposto a ficar atrás do carro e empurrá-lo, ao invés de ir à frente arrastando-o" — Dr. Rajah B. Manikam, Bispo de Tranquebar, falando em Nova Iorque.

"Igrejas evangélicas na América do Sul estão se tornando instáveis porque têm concentrado suas energias na evangelização com prejuizo do estudo constante da Bíblia. De modo geral elas estão percebendo isto, e, onde têm tomado medidas para restaurar o equilíbrio, há indícios de nova estabilidade." — Relatório das Sociedades Bíblicas Unidas.

"Uma igreja unida só virá quando estivermos todos suficientemente fortes na fé cristã para tolerarmos as diferenças uns dos outros e para recusarmo-nos a exterminá-las pela fôrça... Ainda não estamos em condições diante de Deus para constituirmos uma Igreja completamente unida." — O Arcebispo (anglicano) de Cantuária.

COMUNISMO E RELIGIÃO

Com as recentes afirmações oficiais do comunismo russo, desaparecem tôdas as dúvidas que algumas pessoas alimentavam a respeito das relações entre o regime instalado na Rússia e a religião. Durante o período de Stalin, já no fim, aquêle ditador andou fazendo algumas concessões às instituições religiosas. Apenas para enganar o mundo ocidental. E conseguiu enganar até alguns cristãos. Mas a luta contra o sentimento religioso, não só contra as instituições, prosseguiu. Nunca cessou. E agora recrudesce.

A rádio de Moscou, em comunicado oficial, dizia: "A religião impediu o progresso do comunismo. O Partido Comunista inevitàvelmente entra numa luta com a religião, porém desenvolve essa luta exclusivamente por métodos de educação do povo e explicação dos pontos de vista da ciência com respeito a tôdas as questões religiosas."

Dizia a emissora que "o cruel e despótico poder do clero sôbre a vida do povo chegou ao seu fim mas êle ainda existe em muitos países capitalistas, particularmente em Israel. Em Israel a dominação dos rabinos compreende todos os aspectos da vida pessoal do povo".

Basta êsse registro. Êle dispensa comentários. Há pouco uma organização que educa a juventude no regime comunista, começou a reedição de obras de Lenin. Entre os opúsculos está êste; "Socialismo e Religião", no qual Lenin afirma que "a escravidão econômica é a verdadeira fonte da estupefação religiosa da humanidade".

Nós cristãos não podemos pagar aos comunistas na mesma moeda, isto é, não os odiamos como nos odeiam. Para destruir o comunismo devemos ser cristãos. Contudo, alguns cristãos supõem que o comunismo não destrói a religião. Se êles quiserem dar ouvidos ao que diz a emissora oficial da Rússia mudarão de pensar.

A Vida Mais Notavel do Mundo

Observação — Solicitamos aos leitores que tomem agora a edição anterior, a de Fevereiro, a fim de estabelecer contato com a parte que publicamos a seguir.

II — O ministério de Jesus na Judéia

1. A primeira páscoa — ano 27 — em Jerusalém — João 2:13-25
2. Instrução de Nicodemos — ano 27 — Jerusalém — João 3:1-21
3. Jesus prega na Judéia — ano 27 — Judéia — João 3:22
4. Novo testemunho de João sôbre Jesus — ano 27 — na Judéia — João 3:23-36.
5. Jesus parte para a Galiléia — ano 27 — Em viagem — João 4:1-3
6. Entrevista com a Samaritana — ano 27 ou 28 — perto de Sicar — João 4:4-42.
   Cura do filho de um nobre — ano 28 — em Caná — João 4:43-54
8. Prisão de João Batista — ano 28 — na Fortaleza de Maquerus — Mat. 14:3-5; Marcos 6:17-20; Lucas 3:19,20.

Aí têm os leitores matéria para estudo e meditação durante êste mês. Os textos indicados relatam o primeiro ministério na Judéia. Jesus estêve lá outra vez. Na próxima edição indicaremos os textos relativos ao primeiro ministério de Jesus na Galiléia. Se o leitor encontrar qualquer dificuldade na compreensão dos textos, queira escrever-nos solicitando esclarecimentos.

Consultório Espiritual

Vários leitores nossos nos têm dirigido perguntas relacionadas com a vida religiosa. Pelo exame dessas perguntas podemos perceber a existência de problemas espirituais que certamente estão impedindo um maior progresso no conhecimento e prática dos princípios do cristianismo bíblico.

Nem todos os nossos leitores podem consultar, diretamente, um ministro religioso qualquer.

Para atender a esses distintos leitores, abrimos aqui essa secção. Estamos à disposição.

As perguntas devem ser objetivas. E' preciso que o interessado esclareça bem o que deseja para não incorrermos em êrro nas respostas que vamos dar.

As perguntas devem versar temas da vida religiosa e problemas relacionados com a fé cristã. Reservamo-nos o direito de não responder a perguntas que possam envolver questões doutrinárias controvertidas.

LIVROS DE MIGUEL RIZZO JR.

O Secretário Executivo do Instituto de Cultura Religiosa já escreveu, como parte de sua contribuição para a obra do ICR, os seguintes livros que podem ser solicitados ao nosso Escritório:

ALÉM DO VÉU — Cr$ 35,00
MANTO DE PÚRPURA (3a. edição) — Cr$ 30,00
O CÂNTARO ABANDONADO (3a. edição) — Cr$ 30,00
PRECE DIVINAL — Cr$ 35,00
RELIGIÃO — Cr$ 50,00 (livro indispensável para quem quiser conhecer bem os princípios do cristianismo).
SÒZINHA — Cr$ 25,00 (A história de como sòzinha, uma Bíblia levou uma família à conversão e organização de uma nova Igreja).

VARÃO DE DÔRES (4a. edição) — Cr$ 35,00
RELIGIÃO CRISTÃ — Cr$ 20,00
LENDAS E FATOS (esgotado)
IRRADIAÇÕES (esgotado)
REALIDADES ESPIRITUAIS — Cr$ 50,00
ESBÔÇOS DE SERMÕES — Cr$ 75,00
DEFEITOS DA VONTADE — Cr$ 30,00
A PERSONALIDADE — Cr$ 20,00
DERROTAS E VITÓRIAS — Cr$ 35,00
DRAMA ÍNTIMO (na série ALFA) — Cr$ 10,00
PERPLEXIDADE E CERTEZA (ALFA) — Cr$ 10,00
RIQUEZAS DA INIQÜIDADE (ALFA). Notável explicação da parábola do mordomo infiel — Cr$ 10,00.

Os interessados podem dirigir-se ao Escritório do Instituto e seus pedidos serão prontamente atendidos.

ÚNITAS

Órgão Oficial do Instituto de Cultura Religiosa

Diretor — MIGUEL RIZZO JR.

Redator — LAURO BRETONES

Colaboradores permanentes:

Jorge Goulart, Adauto Araújo Dourado, W. J. Goldsmith, Camilo Ashcar, Oscar Arruda, Alceu Maynard Araujo, Odilon Nogueira de Matos, Mário Barreto França, e José Borges dos Santos Jr. e Samuel Figueira.

EXPEDIENTE

O Rev. Miguel Rizzo Júnior, Diretor desta revista, atenderá sòmente às têrças e quintas-feiras das 14 às 17 horas, à Rua Barão de Tatuí, 528.

Assinatura anual .. .. Cr$ 100,00

Número avulso .. .. Cr$ 10,00

Sócios do Instituto: Mensalidade —

Interior .. .. Cr$ 20,00

S. Paulo, Rio, Recife .. .. Cr$ 25,00

Endereço:

Rua Barão de Tatuí, 528 — Caixa Postal 7.203 — Tel. 51-7499

SÃO PAULO — Brasil

COMUNICADO

A firma PRESENTES "LAR FELIZ", sita à Rua Rui Barbosasa, 588, em São Paulo, a fim de salvaguardar seu bom nome, comunica aos seus clientes, amigos e evangélicos em geral, que a partir desta data passará a agir com nova denominação: FILADÉLFIA Super Presentes Ltda., ficando cancelado o nome de Presentes "Lar Feliz".

O motivo que nos leva à mudança de nosso nome, que já gozava de grande prestígio, prende-se ao fato da semelhança existente com o nome de outra firma congênere, que se encontra em situação irregular e que vem provocando confusão nos meios comerciais e mesmo nos meios evangélicos.

São Paulo, 4 de fevereiro de 1958.

(a) Plínio Mourão

INSPETORES(AS) REGIONAIS:

Firma dirigida por elementos evangélicos, necessitando ampliar seu quadro de vendedores, está interessada na nomeação de Inspetores(as) na Capital de São Paulo e interior, e Estados do Sul do País, para nomear e dirigir grupo de vendedores a domicílio, na cidade onde reside e nas localidades vizinhas, para a venda de brinquedos e Cêstas de Natal. As vendas de brinquedos serão feitas pelo mesmo sistema de cêstas de Natal, isto é, em suaves pagamentos mensais antecipados.

A todos os interessados forneceremos lindos catálogos em côres.

Pagamos ótima comissão, orientamos e daremos assistência a todos os nossos vendedores. Aos que não têm prática ensinamos o serviço.

Aceitamos também vendedores individuais para trabalharem nas horas vagas ou tempo integral.

Para inscrever-se, mande-nos uma carta de apresentação, se possível do pastor da Igreja local ou duas cartas de firmas comerciais idônias.

Dirijam-se por carta ou pessoalmente a FILADÉLFIA Super Presentes Ltda. — Sucessôra de Presentes "Lar Feliz" — Rua Rui Barbosa, 588 (Centro) — São Paulo — Tel. 37-2413.

OUÇA

NA

RÁDIO COPACABANA

DO

RIO DE JANEIRO

ZYP-20 — Ondas médias — 680 Kcs

ZYP-27 — Ondas curtas — 4975 Kcs

(60,3 mts)

de segunda às sextas-feiras de 21 à 21,30 horas.

— o —

Programa "Realidades Espirituais"

OUÇA AINDA

às quintas-feiras, das 18,15 às 18,35

— o —

PROGRAMA "INSPIRAÇÃO"

do Instituto de Cultura Religiosa do

Rio de Janeiro

As preleções são feitas pelo Rev. Miguel Rizzo Jr.

ESTÔJO PORTÁTIL

PARA

SANTA CEIA

Para os pastôres:

— em suas viagens

— em visita aos crentes enfermos

- **Prático**
- **Delicada apresentação**
- **Acondicionamento para 4 cálices, frasco para suco de uva e estôjo para o pão.**
- **Quase do tamanho de uma Bíblia de bôlso...**
- **Um lindo presente!**

Cr$ 1.000,00

— Descontos normais aos revendedores —

Exclusividade da

IMPRENSA METODISTA
Caixa postal 8051
SÃO PAULO — SP.

DR. SALVADOR FARINA FILHO

ADVOGADO

Ministro do Evangelho

Escritório:
Atende-se das 10 às 12 horas
Praça da Sé, 371 — 3.º andar, s/316
Telefone: 33-9052
São Paulo — Capital

Residência:
Rua Talhado n.º 16
Travessa — casa 5
Ônibus 67
São Paulo — Capital

ALFAIATARIA IMPERIAL
Sátilas Pires do Amaral
Confecções Finas Para Homens — Vendas à Vista e em 10 Pagamentos
Variado Sortimento e Um Completo Mostruário de Tecidos de Tôdas as Procedências
Rua Rubino de Oliveira, 83 — S/ Loja — Sala 1 — Tel. 9-7252
(Chamar) Sr. Paulo

CICERO HELENO SAMPAIO ARRUDA

ADVOGADO

Causas cíveis, comerciais e FISCAIS

Viaduto Sta. Ifigênia, 66
18.º andar - Conj. 181
Tel.: 37-1680

SÃO PAULO

DRA. JUNIA MARINS DA SILVEIRA

—— Moléstias de Senhoras, partos e operações ——
Consultório: Rua 7 de Abril, 118 - 8.º - conj. 602 — Fone: 32-9664
SÃO PAULO

ÚLTIMAS NOVIDADES

DIZIONARIO BIBLICO — Em Italiano. Compilado por um grupo de Pastôres e Professôres da Igreja Valdense, 1957 600,00

FULTON OURSLER — *O Maior Livro do Mundo* (A História do Velho Testamento) Broch. 394 páginas 130,00

FULTON OURSLER — *A Maior História de Todos os Tempos* (A vida de Cristo) Broch. 282 págs. . . 130,00

FULTON OURSLER e A. O. ARMSTRONG — *A Maior Fé Que Já Houve no Mundo* (História dos primeiros homens que espalharam a religião de Jesus e da momentosa época em que viveram) Broch. 357 págs. 130,00

NORMAN VINCENT PEALE — *O Poder do Pensamento Positivo.* Broch. 316 págs. 90,00

DAVIS — *The Westminster Dictionary Of The Bible.* Enc. formato grande — 658 págs. com ilustrações 360,00

CHAVE BÍBLICA — Nova Edição volume grande. 290,00

HAGEDORN — *O Profeta das Selvas* — A História de Albert Schweitzer. Broch. 222 págs. 70,00

Variado estoque de Bíblias e Novos Testamentos. Atendemos também pelo serviço de Reembôlso Postal.

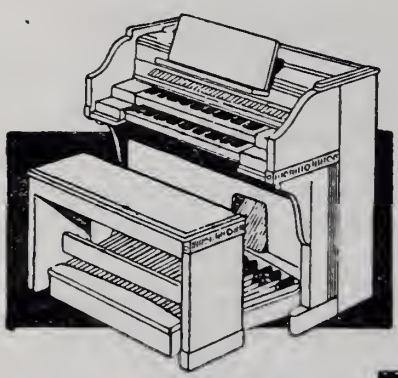
Pedidos à LIVRARIA INTERNACIONAL
Rua Líbero Badaró, 92 — And. 7
Fone 32-1225 — Caixa Postal 1405 SÃO PAULO — BRASIL

VENDEDOR — REPRESENTANTE

—— CAPITAL, INTERIOR E ESTADOS DO SUL ——

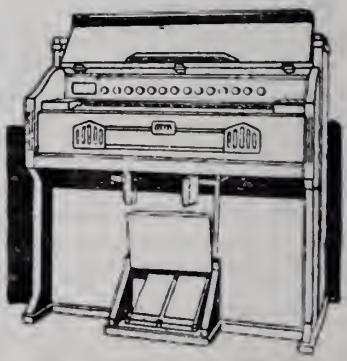
Precisa-se de elemento evangélico, ativo, capacidade comprovada, de iniciativa e bem relacionado em sua cidade, para representar grande e conceituada firma com produtos de renomada marca. As vendas serão feitas em larga escala e em três modalidades: atacado, varejo e a domicílio. Serviço permanente. Escrever com dados completos para ITALPRESS, ou dirigir-se pessoalmente à Rua Rui Barbosa, 588 — Bairro Bela Vista — São Paulo.

HARMONIUNS, ORGÃOS



de Tubos
e
Eletrônicos
para
IGREJAS
ESCOLAS
LARES

Venha escolher entre 20 modelos diferentes, o de sua preferência e estamos certos de que suas qualidades satisfarão aos mais exigentes. E quanto a preços - são os mais atrativos para qualquer bolsa.



ASSAI ☆ BOHN ☆ PETROF ☆ HAMMOND

quatro marcas que atingiram o pináculo em sua especialidade.

ESCREVA-NOS AINDA HOJE SOLICITANDO CATALOGOS

MUSICAS E INSTRUMENTAIS

CASA **Manon** S A

R. 24 DE MAIO, 242 • C. POSTAL 568 • S. PAULO

INDICADOR PROFISSIONAL

Escritório de ADVOCACIA
DR. AGUINALDO COSTA
(Professor Catedrático da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro
— Docente livre da Fac. Nacional de Direito)
Rua do Ouvidor, 69 - 3.º, s. 33 — Tels. 23-1089 e 27-5299
RIO DE JANEIRO

DRA. CARMEN ESCOBAR PIRES
MOLÉSTIAS DE SENHORAS
Consultório: RUA 7 DE ABRIL, 235 - Apto. 308 - Telefone 34-1605
SÃO PAULO

ÓTICA GARCIA
PRECISÃO, RAPIDEZ E PERFEIÇÃO
Sempre os mais modernos estilos de armações — Oficina própria para preparo de lentes — Preços sem concorrência e reais descontos para evangélicos
RUA SÃO BENTO, 484 — FONE 33-1377 — SÃO PAULO
AGORA TAMBÉM SEÇÃO DE JÓIAS, RELÓGIOS E BIJUTERIA

C. F. FRANCO ENGENHARIA Ltda
ENGENHEIROS:
Clovis F. Franco e Carlos Fernandes Franco
Av. Ipiranga, 1123, 8.º - conj. 803 — Fones 36-5137 e 35-4578
SÃO PAULO

DR. HÉLIO KERR NOGUEIRA
ADVOGADO
CIVEL — COMERCIAL — ORFANOLÓGICA — TRABALHISTA
ADVOCACIA EM GERAL
Escritório: Lgo. São Francisco, 181, 3.º andar, Salas 1 e 2
Fone 35-3311 — São Paulo

Destaque e envie ao nosso Escritório, acompanhado da respectiva importância

ASSINATURA PRESENTE

1. Nome:.....

   Enderêço:.....
   Rua Cidade Estado

2. Nome:.....

   Enderêço:.....
   Rua Cidade Estado

3. Nome:.....

   Enderêço:.....
   Rua Cidade Estado

4. Nome:.....

   Enderêço:.....
   Rua Cidade Estado

5. Nome:.....

   Enderêço:.....
   Rua Cidade Estado

A

CASA PUBLICADORA BATISTA

Tem o livro que V. S. deseja *Poesia romance história, religião, ensino filosofia*, na palavra dos mais consagrados autores evangélicos

Faca uma visita à nossa filial e desfrute do prazer de informar-se das nossas obras, saídas mais recentemente e que tanto poderá aproveitar ao aprimoramento do seu espírito. V. S. será recebido com muita alegria de nossa parte.

DEPARTAMENTO DE VENDAS E PROPAGANDA

CASA PUBLICADORA BATISTA
(Filial)
Rua Conselheiro Nébias, 127
São Paulo

INSTITUTO MACKENZIE

SÃO PAULO

Velhas árvores, belas e solenes,
A cuja sombra amiga tem crescido
O Instituto Mackenzie. Muitos jovens
Aprenderam aqui todo o sentido
Da existencia, de todos os perenes
Valores do intelecto e da moral,
Das cousas desta vida e das de Deus.

RUA MARIA ANTONIA, 403 — SÃO PAULO

For use in library only.

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01471 8813